



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE ARTILHARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

As Principais Reorganizações do Exército do Século XVIII ao Século XXI. Reflexos para a Artilharia.

**Aspirante a Oficial Aluno de Artilharia Filipe da Silva Abreu
Orientador: Tenente-Coronel de Artilharia Marquês de Sousa**

Amadora, Julho 2008



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE ARTILHARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

As Principais Reorganizações do Exército do Século XVIII ao Século XXI. Reflexos para a Artilharia.

**Aspirante a Oficial Aluno de Artilharia Filipe da Silva Abreu
Orientador: Tenente-Coronel de Artilharia Marquês de Sousa**

Amadora, Julho 2008

*À minha Esposa, Pais e Irmã, por sempre
me terem apoiado e apelado, e pela
compreensão da minha ausência.*

Agradecimentos

Após o término de mais uma fase da minha formação queria expressar o meu reconhecimento às seguintes pessoas:

- Tenente-Coronel de Artilharia Marquês de Sousa, lecciona aulas de História Militar na Academia Militar;*
- Major de Infantaria José Marinho, do Estado Maior do Exército;*
- Oficiais e Funcionários do Arquivo Histórico Militar;*
- Sargento-ajudante de Infantaria Gonçalves, da Biblioteca da Academia Militar da Sede;*
- Funcionárias da Biblioteca da Academia Militar da Sede e do Destacamento da Amadora;*
- E à minha família pelo seu apoio.*

Sem os mesmos este facto não seria uma realidade devido à incondicional contribuição que todos prestaram e quero deixar aqui escrito um Muito Obrigado e a todos bem hajam.

Índice

Índice de Figuras

Índice de Quadros

Índice de Artigos

Lista de Abreviaturas

Resumo/Abstract

Introdução	1
Antecedentes da Artilharia.....	3

Capítulo I

O Século XVIII – A criação dos Regimentos de Artilharia

1.1 O Primeiro Regimento de Artilharia em Portugal.....	4
1.2 A Reorganização de Conde de Lippe	5
1.3 A Revolução Francesa.....	6

Capítulo II

A Artilharia no início da Idade Contemporânea

2.1 A Artilharia na Guerra Peninsular.....	8
2.2 O Exército de Beresford.....	9
2.3 As Revoluções Liberais e a Guerra Civil	11

Capítulo III

Da Regeneração à queda da Monarquia

3.1 Sá da Bandeira e a modernização da Artilharia	15
3.2 A transformação da Artilharia e a Reorganização de 1884	16
3.3 O Ultramar – A Artilharia de novo em Guerra.....	19

Capítulo IV

A Artilharia da República e a sua envolvente na 1.ª Guerra Mundial

4.1 A 1.ª Reorganização Republicana	22
4.2 A Artilharia na defesa das Colónias e na 1.ª Guerra Mundial.....	24

Capítulo V

A Artilharia do Exército do Estado Novo

5.1 A Ditadura Militar e o Estado Novo	27
5.2 A ameaça da 2.ª Guerra Mundial e a inclusão de Portugal na NATO	29
5.3 Uma Artilharia de duas faces na Guerra em África	34

Capítulo VI

A Artilharia no último terço da Guerra Fria à actualidade

6.1	O pós 25 de Abril e os desenvolvimentos técnicos na Artilharia	35
6.2	Novos desafios: a Artilharia nas Brigadas e o fim da Artilharia de Costa	36
Considerações finais.....		39
Referências Bibliográficas		i
Anexos		

Índice de Figuras

Figuras anexo B

Figura 1 – Bombardeiro da Nómima	XXX
Figura 2 – Sargento de Artilharia e Soldado de Artilharia (1740).....	XXX
Figura 3 – Servente de Artilharia (1764)	XXXI
Figura 4 – Soldado do Regimento de Artilharia n.º 2 (1806).....	XXXI
Figura 5 – Oficial de Artilharia de Posição (1834)	XXXII
Figura 6 – Oficial de Artilharia a Cavallo (1834).....	XXXII
Figura 7 – Oficial de Artilharia a Cavallo (1848).....	XXXII
Figura 8 – Sargento de Artilharia a Cavallo (1848)	XXXII
Figura 9 – Soldado do Regimento de Artilharia n.º 2 (1869).....	XXXIII
Figura 10 – Soldado de Artilharia (1888).....	XXXIII
Figura 11 – Capitão de Artilharia (1903)	XXXIV
Figura 12 – Soldado de Artilharia (1911).....	XXXIV
Figura 13 – Oficiais de Artilharia (1911)	XXXIV
Figura 14 – Soldados usando o uniforme n.º 3 durante um exercício de fogos reais	XXXV
Figura 15 – Sargento de Artilharia com uniforme B camuflado (2006)	XXXV

Figuras anexo C

Figura 16 – Artilharia utilizada na regência de D. João V	XXXVI
Figura 17 – Artilharia utilizada na regência de D. José I.....	XXXVI
Figura 18 – Obus de 15 cm.....	XXXVII
Figura 19 – <i>Shrapnell</i> (granada com balas)	XXXVII
Figura 20 – Peça utilizada na Defesa da Praça de Almeida.....	XXXVIII
Figura 21 – Obus-canhão <i>Paishans</i> de calibre 18,9 cm francês.....	XXXVIII
Figura 22 – Morteiro de calibre 27 cm utilizado pelo Exército de D. Pedro IV	XXXIX
Figura 23 – Obus 14,2 cm utilizado pelo Exército Realista.....	XXXIX
Figura 24 – Morteiro-provete utilizado pelo Exército Realista.....	XL
Figura 25 – Obus 12 cm.....	XL
Figura 26 – Peça de Montanha 8 cm estriada sobre reparo.....	XLI
Figura 27 – Peça de 12 cm estriada	XLI

Figura 28 – Peça de Montanha <i>AE/BEM 8 cm m/870</i>	XLI
Figura 29 – Peça <i>Krupp AE 9 cm (MK) m/878</i> e <i>BEM 7 cm m/882</i> (Vendas Novas – 1895)	XLII
Figura 30 – Peça <i>28 cm Krupp</i> (S. Julião da Barra – 1903)	XLII
Figura 31 – Peça <i>Schneider Canet 7,5 cm T.R. m/904</i>	XLIII
Figura 32 – Peça <i>7 cm M.T.R. m/906</i>	XLIII
Figura 33 – Peça <i>15 cm C. m/878</i>	XLIV
Figura 34 – Peça <i>7,5 cm C.T.R.</i>	XLIV
Figura 35 – Peça <i>AA 9,4 cm m/940</i>	XLV
Figura 36 – Peça <i>AA 4 cm m/940</i>	XLV
Figura 37 – Maqueta do obus <i>K 15 cm/30 m/941</i>	XLVI
Figura 38 – Obus <i>8,8 cm m/43</i>	XLVI
Figura 39 – Obus <i>14 cm m/43</i>	XLVII
Figura 40 – Peça <i>C 23,4 cm/47 m/44</i>	XLVII
Figura 41 – Peça <i>C 15,2 cm/47 m/44</i>	XLVIII
Figura 42 – Obus <i>8,8 cm auto-propulsado m/54 Sexton MK II</i>	XLVIII
Figura 43 – Obus <i>M101 A1 105 mm/22</i> (Escola Prática de Artilharia).....	XLIX
Figura 44 – Obus <i>M109 A2 155 mm AP</i> (Escola Prática de Artilharia).....	XLIX
Figura 45 – Obus <i>M114 A1 155 mm/23</i> (Escola Prática de Artilharia).....	L
Figura 46 – Sistema Canhão Bitubo <i>AA 20 mm m/81</i> (Campo de Tiro em Alcochete)	L
Figura 47 – Míssil Portátil <i>AA Blowpipe m/82</i>	LI
Figura 48 – Obus <i>M109 A5 155 mm AP</i> (GAC/BMI)	LI
Figura 49 – Sistema Míssil <i>Chaparral M48 A2 E1</i> (RAAA 1)	LII
Figura 50 – Sistema Míssil Portátil <i>Stinger</i>	LII
Figura 51 – Obus <i>M119 105 mm Light Gun</i> (Escola Prática de Artilharia).....	LIII

Figuras anexo E

Figura 52 – Uma Bateria de <i>Nordenfeldt 8 mm</i> puxada por burros	LXV
Figura 53 – Peça <i>Gruson 37 mm</i> puxada por bois	LXV
Figura 54 – Canhão revólver <i>Hotchkiss</i> (vista lateral)	LXVI
Figura 55 – Canhão revólver <i>Hotchkiss</i> (vista de frente).....	LXVI

Figuras anexo F

Figura 56 – Linhas de Torres Vedras	LXVII
Figura 57 – Mapa de Artilharia de Guarnição existente nas 2 linhas de defesa de Lisboa em 1816	LXVIII
Figura 58 – Dispositivo de Defesa da Ilha de S. Miguel (1942)	LXIX
Figura 59 – Dispositivo de Defesa da Ilha Terceira (1942)	LXX
Figura 60 – Dispositivo de Defesa da Ilha do Faial (1942)	LXXI

Figuras anexo G

Figura 61 – Oficial de Artilharia com a peça <i>Schneider-Canet 7,5 cm T.R. m/917</i>	LXXII
Figura 62 – Obus <i>11,4 cm T.R. m/917</i>	LXXIII
Figura 63 – Pesa francesa pesada utilizada pelo Corpo de Artilharia Pesada Independente	LXXIII

Figuras anexo H

Figura 64 – Soldados da Companhia de Artilharia 292 com o uniforme camuflado 2-C (1961)	LXXIV
Figura 65 – Alferes de Artilharia com o uniforme camuflado 2-G e obus <i>8,8 cm m/43</i>	LXXIV
Figura 66 – Posição de um obus <i>8,8 cm m/43</i>	LXXV
Figura 67 – Posição de um obus <i>10,5 cm m/941-62</i>	LXXV

Índice de Quadros

Quadros Corpo do Trabalho

Quadro 1 – Unidades de Artilharia em 1993	37
---	----

Quadros Anexo A

Quadro 1 – Orgânica do Regimento de Artilharia da Província do Alentejo em 1708	I
Quadro 2 – Orgânica dos Regimentos de Artilharia em 1763	I
Quadro 3 – Orgânica dos Regimentos de Artilharia em 1791	II
Quadro 4.1 – Orgânica do Estado Maior de cada Regimento de Artilharia em 1796	II
Quadro 4.2 – Orgânica da Companhia de Bombeiros de cada Regimento de Artilharia em 1796	II
Quadro 5.1 – Orgânica do Estado Maior de cada Regimento de Artilharia em 1809	III
Quadro 5.2 – Orgânica da Companhia de Bombeiros de cada Regimento de Artilharia em 1809	III
Quadro 6.1 – Orgânica do Estado Maior de cada Batalhão de Artilharia de Lisboa em 1810	III

Quadro 6.2 – Orgânica de uma Companhia dos Batalhões de Artilharia de Lisboa em 1810.....	III
Quadro 7.1 – Orgânica do Estado Maior de cada Regimento de Artilharia em 1814.....	IV
Quadro 7.2 – Orgânica de uma Companhia dos Regimentos de Artilharia em 1814.....	IV
Quadro 8 – Quadro orgânico do Corpo de Artilharia em 1837	IV
Quadro 9.1 – Constituição do Regimento de Artilharia com Bateria a Cavalo em 1849	V
Quadro 9.2 – Constituição de um Regimento de Artilharia sem Bateria a Cavalo em 1849	V
Quadro 9.3 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1849	V
Quadro 10.1 – Constituição do Regimento de Artilharia Montada e de um Regimento de Artilharia de Posição em 1862	VI
Quadro 10.2 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1862	VI
Quadro 11.1 – Constituição do Regimento de Artilharia Montada e de um Regimento de Artilharia de Guarnição em 1863	VI
Quadro 11.2 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1863	VII
Quadro 12.1 – Constituição do Regimento de Artilharia de Campanha, de um Regimento de Artilharia de Guarnição e de uma Companhia de Guarnição em 1864.....	VII
Quadro 12.2 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1864	VII
Quadro 13.1 – Constituição do Regimento de Artilharia de Campanha e de um Regimento de Artilharia de Guarnição em 1868	VIII
Quadro 13.2 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1868	VIII
Quadro 14.1 – Constituição do Regimento de Artilharia de Campanha em 1869.....	VIII
Quadro 14.2 – Constituição dos Regimentos e Companhias de Guarnição em 1869	IX
Quadro 14.3 – Constituição do Corpo de Artilharia em 1869	IX
Quadro 15.1 – Constituição dos Regimentos de Artilharia de Campanha em 1877	X
Quadro 15.2 – Constituição dos Regimentos e Companhias de Guarnição em 1877	X
Quadro 15.3 - Constituição do Corpo de Artilharia em 1877	X
Quadro 16.1 – Constituição da Artilharia de Campanha em 1884.....	XI
Quadro 16.2 – Constituição da Artilharia de Guarnição em 1884.....	XI
Quadro 17 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1884.....	XII
Quadro 18.1 – Constituição da Artilharia de Campanha em 1899.....	XII
Quadro 18.2 – Constituição da Artilharia de Guarnição em 1899.....	XIII
Quadro 18.3 – Constituição dos Grupos de Artilharia a Cavalo e de Montanha em 1899	XIII
Quadro 19.1 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1899.....	XIV

Quadro 19.2 – A forma como se irão formar as Unidades em 1899.....	XIV
Quadro 20.1 – Constituição da Artilharia Montada em 1901	XV
Quadro 20.2 – Constituição da Artilharia de Guarnição em 1901	XV
Quadro 20.3 – Constituição dos Grupos de Artilharia a Cavalos e de Montanha em 1901	XV
Quadro 21 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1901	XVI
Quadro 22.1 – Constituição dos Regimentos de Artilharia Montada em 1911	XVI
Quadro 22.2 – Constituição da Art de Montanha, a Cavalos e de Obuses de Campanha em 1911.....	XVII
Quadro 22.3 – Constituição da Artilharia de Guarnição em 1911	XVII
Quadro 22.4 – Constituição da Artilharia de Costa em 1911.....	XVIII
Quadro 23 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1911	XVIII
Quadro 24.1 – Efectivo de Oficiais na Artilharia em 1926	XIX
Quadro 24.2 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1926	XIX
Quadro 24.3 – A forma como se irão formar as Unidades em 1926.....	XX
Quadro 25 – Efectivo de Oficiais e Sargentos na Artilharia em 1927	XX
Quadro 26.1 – Localidades da Artilharia Ligeira, Pesada e dos Trens Hipomóveis em 1927	XXI
Quadro 26.2 – Localidades da Artilharia de Costa em 1927	XXII
Quadro 27.1 – Efectivos das Unidades de Artilharia em 1937	XXIII
Quadro 27.2 – Constituição orgânica das Unidades de Artilharia em 1937	XXIV
Quadro 28 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1939.....	XXV
Quadro 29.1 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1947	XXVI
Quadro 29.2 – Constituição orgânica das Unidades de Artilharia em 1947	XXVII
Quadro 30 – Localidades das Unidades de Artilharia em 1977	XXVIII
Quadro 31.1 – Constituição da Artilharia em 2006.....	XXVIII
Quadro 31.2 – Constituição Orgânica das Unidades de Artilharia em 2006	XXIX

Quadros Anexo D

Quadro 1 – Combates da Artilharia na 2. ^a Invasão Francesa.....	LIV
Quadro 2 – Combates da Artilharia na 3. ^a Invasão Francesa.....	LV
Quadro 3 – Combates da Artilharia nas Campanhas de 1812 a 1814.....	LVI
Quadro 4 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1 na Guerra em África	LVII
Quadro 5 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Ligeira n.º 3 na Guerra em África	LVIII

Quadro 6 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5 na Guerra em África	LIX
Quadro 7 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Pesada n.º 2 na Guerra em África.....	LX
Quadro 8 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia de Costa na Guerra em África.....	LXI
Quadro 9 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa na Guerra em África..	LXII
Quadro 10 – Unidades destacadas pelo Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 2 na Guerra em África	LXIII
Quadro 11 – Unidades destacadas pelo Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2 e n.º 4, Regimento de Artilharia Pesada n.º 3, Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 3, Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 2, e Escola Prática de Artilharia na Guerra em África	LXIV

Índice de Artigos

Artigos anexo I

Artigo 1 – Forças destacadas para a Defesa dos Açores durante a 2.ª Guerra Mundial	LXI
Artigo 2 – Forças destacadas para a Defesa de Lisboa durante a 2.ª Guerra Mundial.....	LXII

Artigos anexo J

Artigo 1 – Campanhas de África entre 1890 a 1907	LXI
Artigo 2 – Campanhas de África entre 1914 a 1917	LXII

Lista de Abreviaturas

AA	Anti-aérea
AAA	Artilharia Anti-aérea
AHM	Arquivo Histórico Militar
AP	Auto-propulsado
Art	Artilharia
BAAA	Bateria de Artilharia Anti-aérea
BAG 1	Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 1
BAI	Brigada Aerotransportada Independente
Bat^{ão}	Batalhão
BBF	Bateria de Bocas-de-fogo
BEC	Bronze, Estriada de Costa
BEM	Bronze, Estriada de Montanha
BLI	Brigada Ligeira Independente
BMI	Brigada Mista Independente
BMI	Brigada Mecanizada Independente
BrigInt	Brigada de Intervenção
BrigMec	Brigada Mecanizada
BRR	Brigada de Reacção Rápida
Btr	Bateria
C.	Costa
C.T.R.	Costa de Tiro Rápido
Camp.^a	Campanha
CAP	Corpo de Artilharia Pesada
CAPI	Corpo de Artilharia Pesada Independente
CEP	Corpo Expedicionário Português
CIAA	Centro de Instrução de Artilharia Anti-aérea
CIAAC	Centro de Instrução de Artilharia Anti-aérea e de Costa
CIAAC	Centro de Instrução de Artilharia Anti-aérea de Cascais
CID	Centro de Instrução e Doutrina
CMSM	Campo Militar de Santa Margarida
Comp.^a	Companhia
EME	Estado Maior do Exército
EPA	Escola Prática de Artilharia
ETAC	Escola de Tiro de Artilharia de Campanha
EUA	Estados Unidos da América
FMDL	Frente Marítima da Defesa de Lisboa
FOPE	Força Operacional Permanente do Exército

GAAA	Grupo de Artilharia Anti-aérea
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GACA	Grupo de Artilharia Contra Aeronaves
GACA 1	Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 1
GACA 2	Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 2
GACA 3	Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 3
GAG 1	Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1
GAG 2	Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 2
GBA	Grupo de Bateria de Artilharia
Indepen	Independente
M.T.R.	Montanha de Tiro Rápido
NATO	North Atlantic Treaty Organization
P.	Posição
P.T.R.	Posição de Tiro Rápido
PAAA	Pelotão de Artilharia Anti-aérea
PAO	Pelotão de Aquisição de Objectivos
PREC	Processo Revolucionário em Curso
RA 1	Regimento de Artilharia n.º 1
RA 2	Regimento de Artilharia n.º 2
RA 3	Regimento de Artilharia n.º 3
RA 4	Regimento de Artilharia n.º 4
RA 5	Regimento de Artilharia n.º 5
RA 6	Regimento de Artilharia n.º 6
RA 7	Regimento de Artilharia n.º 7
RA 8	Regimento de Artilharia n.º 8
RAA 1	Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1
RAAA 1	Regimento de Artilharia Anti-aérea n.º 1
RAAF	Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa
RAC	Regimento de Artilharia de Costa
RAE	Regimento de Artilharia de Évora
RAL	Regimento de Artilharia de Leiria
RAL 1	Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1
RAL 2	Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2
RAL 3	Regimento de Artilharia Ligeira n.º 3
RAL 4	Regimento de Artilharia Ligeira n.º 4
RAL 5	Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5
RALIS	Regimento de Artilharia de Lisboa
RAP 1	Regimento de Artilharia Pesada n.º 1
RAP 2	Regimento de Artilharia Pesada n.º 2

RAP 3	Regimento de Artilharia Pesada n.º 3
RASP	Regimento de Artilharia da Serra do Pilar
RG 2	Regimento de Guarnição n.º 2
RG 3	Regimento de Guarnição n.º 3
RMC	Região Militar do Centro
RML	Região Militar de Lisboa
RMN	Região Militar do Norte
RMS	Região Militar do Sul
T.A.	Tiro Acelerado
T.R.	Tiro Rápido
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ZMA	Zona Militar dos Açores
ZMM	Zona Militar da Madeira

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo analisar as principais reorganizações do Exército Português e o seu reflexo na Artilharia, desde o século XVIII até aos dias de hoje, para conhecer a história da evolução organizacional da Artilharia, compreender as principais influências e a sua aplicabilidade nas diferentes épocas.

É um assunto de grande importância, porque o estudo das reorganizações, auxilia-nos a compreender as actuais organizações, bem como prever as tendências das futuras alterações.

Este trabalho está organizado numa introdução, num pequeno enquadramento histórico da Artilharia, no corpo do trabalho em seis capítulos, Considerações Finais e anexos. Cada reorganização foi estudada segundo as leis do Exército, documentos e em algumas referências bibliográficas, onde pudemos no final chegar a Considerações Finais, respondendo à questão central, que foi: *“Como as reorganizações do Exército e da Artilharia, reflectiram as tendências das principais escolas militares de cada época?”*

Abstract

The present work has as a goal to analyze the main reorganizations of the Portuguese Army and its consequence in the Artillery, since 18th century until the present, to know the history of the evolution organizational of the Artillery, to understand the main influences and its applicability at the different times.

It is a subject of great importance, because the study of the reorganizations, it will help us to understand the present organizations, as well as foreseeing the trends of the future alterations.

This work is organized in the following way: an Introduction; a small historical framing of the Artillery; the body of the work has got six chapters; there are some Final Considerations and annexes. Each reorganization was studied according to laws of the Army, documents and in some bibliographical references, where we could in the end take off the Final Considerations, answering to the central question that was: *“How did the reorganizations of the Army and the Artillery, reflect the trends of the main military schools of each time?”*

Introdução

O interesse de realizar um trabalho de carácter histórico sobre a Artilharia portuguesa, confirma a expressão: *“é com a história que se compreende o presente e se prepara o futuro”*, pelo que, como futuro Oficial de Artilharia, aceitei o desafio de, com este trabalho, contribuir para enriquecer a minha cultura geral militar e divulgar uma dimensão da história do Exército Português, que talvez não esteja suficientemente estudada.

Face ao tema proposto, *“As principais reorganizações do Exército do século XVIII ao século XXI. Reflexos para a Artilharia”*, temos como finalidade caracterizar a evolução da organização da Artilharia em Portugal a partir do século XVIII, identificando as influências das escolas militares da Europa e de que forma as tendências de cada época se reflectiram na organização da Artilharia portuguesa.

Como foi a partir do século XVIII que a organização e a táctica estabeleceram pela primeira vez uma verdadeira integração entre as três armas, Infantaria, Artilharia e Cavalaria, julgamos mais pertinente desenvolver um estudo só a partir do século XVIII, da organização da Artilharia, quer ao nível do seu dispositivo territorial, quer ao nível operacional.

Para o início do estudo, definimos a questão central que nos guiou nesta investigação: **“Como as reorganizações do Exército e da Artilharia, reflectiram as tendências das principais escolas militares de cada época?”**

Para respondermos melhor à questão central, apoiamo-nos em questões derivadas, levantando as seguintes:

Quais as origens de cada reorganização feita no Exército?

Que vantagens e inconvenientes provocaram cada reorganização?

Que influências teve cada reorganização nas reorganizações seguintes?

Após termos levantado a questão central e as questões derivadas, iniciamos o nosso estudo, numa primeira fase de pesquisa e investigação em fontes bibliográficas, e de seguida numa fase de estudo mais aprofundado das fontes primárias. Com essas pesquisas iniciais obtivemos uma base que proporcionou uma investigação mais aprofundada, com base em Decretos, Alvarás, nas Ordens do Exército e documentos existentes no Arquivo Histórico Militar, no Arquivo Geral do Exército, bem como no Estado Maior do Exército.

O trabalho final ficou organizado em Introdução, Antecedentes da Artilharia, em seis Capítulos e umas Considerações Finais. Após a Introdução, há um pequeno enquadramento cronológico, anterior ao século XVIII, sobre a Artilharia e as suas origens em Portugal.

De seguida referimos no primeiro Capítulo a criação dos primeiros Regimentos da Artilharia, sob a influência da escola militar francesa e mais tarde abordamos a influência da escola prussiana.

No segundo Capítulo são retratadas as influências que tiveram as guerras e a escola britânica na Artilharia durante a primeira metade do século XIX e a participação das Unidades de artilharia em operações.

O terceiro Capítulo revela-nos, durante a Regeneração, os motivos e as influências das organizações da Artilharia e as inovações tecnológicas que a Artilharia adoptou. Também é patenteada a participação das Unidades na ocupação de África até à queda da Monarquia.

No quarto Capítulo será abordada a nova organização da Artilharia após a Revolução de 5 Outubro 1910 e a sua participação na 1.^a Guerra Mundial.

O quinto Capítulo mostra-nos as organizações que sofreu a Artilharia durante a Ditadura Militar e o Estado Novo, como foi organizado o dispositivo da Artilharia, em termos territoriais, devido à ameaça que se fazia sentir da 2.^a Guerra Mundial, a evolução que se deu na Artilharia devido à inclusão de Portugal na NATO, e a participação na Guerra em África.

No sexto e último Capítulo envolve a Artilharia no pós 25 de Abril, os seus avanços em termos técnicos e organizacionais até aos dias de hoje.

No fim apresentamos as Considerações Finais apreendidas durante a investigação efectuada, no sentido de responder à questão central e às questões derivadas por nós levantadas.

Este foi um trabalho bastante interessante como já foi acima referido, no entanto, houve dificuldades, primeiro que tudo, no tempo limite imposto que não foi o suficiente para uma investigação mais aprofundada, principalmente no século XVIII, pois necessitava-se de mais tempo para tirar melhores ilações, visto existirem muitos documentos que se contrariavam; e o limite máximo de número de páginas que acabou por não deixar desenvolver muito o tema, principalmente num trabalho de carácter histórico.

Antecedentes da Artilharia

Nos primeiros tempos da Artilharia, finais do século XIV e inícios do século XV, eram os bombardeiros contratados para o serviço nas fortalezas e armadas, conforme a necessidade. O seu número era reduzido, porque o uso da Artilharia em Portugal estava no seu começo. Com as conquistas de África, a necessidade de mais bombardeiros foi aumentada para que não faltassem profissionais para o serviço da Artilharia dos navios e das fortalezas. Devido a essa indispensabilidade, D. Manuel cria em Lisboa os *Bombardeiros da Nómima*¹, com o efectivo de 100 homens, criando assim o primeiro esboço de organização da Artilharia que teve Portugal.

Durante o domínio Filipino, não consta que os *Bombardeiros da Nónima* alguma vez fossem ou não extintos, no entanto, sabe-se que a Artilharia continuou a acompanhar as armadas nas batalhas no Oriente. Após a Restauração da Independência de Portugal, D. João IV criou o posto de Tenente-general de Artilharia em 1640² e restaurou os *Bombardeiros da Nónima* com 300 artilheiros em 1641³, o que deixa antever um começo de militarização ao qual incumbia o alistamento dos homens que pretendessem entrar nos *Bombardeiros da Nónima*. É a partir desta altura que o nome de *bombardeiros* passa a dar lugar ao nome de artilheiros.

É ainda no reinado de D. João IV que se cria o posto de General de Artilharia e que se nomeia diferentes oficiais para o trem de Artilharia⁴. No trem, os seus homens não estavam subordinados a nenhum Regimento, nem fraccionadas por companhias ou outras unidades. O principal trem de Artilharia era no Alentejo, porque era para essa província que convergiam os esforços militares.

Em 1675⁵, é mandado criar o primeiro troço de Artilharia na tentativa de organização regimental da Artilharia para a aproximar da estrutura da Infantaria e da Cavalaria. Assim sendo, a sua organização materializa o fim das *nóminas* e o efectivo passa a ser definitivamente soldado como o das outras armas. Este troço foi destinado ao serviço das armadas, onde era necessitada a existência de homens sempre prontos a embarcarem sem a contingência dos contratos. Em 1677⁶, D. Pedro II manda organizar esse troço para 300 homens e em 1701 foi aumentado para 500 homens, distribuídos por 10 esquadras de 50 homens cada.

Para o serviço de campanha e das fortalezas, foi também criado um outro troço de Artilharia no Alentejo, e em 1689⁷ fixou-se em 200 artilheiros e em 1703⁸, recrutaram 300 homens, ficando assim com um efectivo de 500 homens, distribuídos por 10 esquadras de 50 homens. Ainda em 1702⁹, foi determinado que os artilheiros andassem fardados como os soldados de Infantaria e Cavalaria, tentando assim a militarização completa.¹⁰

¹ Vide figura 1, anexo B.

² Decreto de 28 de Dezembro de 1640.

³ Decreto de 13 de Maio de 1641.

⁴ Único agrupamento da Artilharia onde se reunia pessoal, animal, material e respectivas munições.

⁵ Decreto de 8 de Agosto de 1675.

⁶ Alvará de 4 Julho de 1677.

⁷ Provisão de 22 de Dezembro de 1689.

⁸ Decreto de 14 de Agosto de 1703.

⁹ Decreto de 23 de Setembro de 1702.

¹⁰ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume I*, pp. 9 à 28.

Capítulo I

O Século XVIII – A criação dos Regimentos de Artilharia

1.1 O Primeiro Regimento de Artilharia em Portugal

D. João V após ser proclamado rei, e devido à Guerra da Sucessão Espanhola (1701 – 1714), procura desde logo melhorar as condições do Exército, e em 15 de Novembro de 1707 promulga as *Novas Ordenanças* baseadas nas francesas, trazendo assim aperfeiçoamentos notáveis. Com as Ordenanças Militares em 1708, a Artilharia passa a ter um Regimento, o Regimento de Artilharia da Província do Alentejo, em Estremoz, que é a continuidade do troço de Artilharia do Alentejo¹¹.

Ao Coronel e Tenente-Coronel, seriam atribuídas uma companhia a cada um; 8 Capitães seriam comandantes das Companhias de Artilheiros, um Capitão seria Comandante da Companhia das Barracas e outro Comandante da Companhia de Mineiros. Sendo assim o Regimento teria 12 Companhias a 50 homens cada. No Regimento compreendia bocas-de-fogo de campanha e de sítio¹², e o uniforme era de cor predominante azul¹³, como o resto do Exército.

No mesmo ano¹⁴, o troço para o serviço das armadas, passa também a Regimento¹⁵ com a mesma constituição que o Regimento de Artilharia Província do Alentejo, com 12 companhias, sendo uma delas a Companhia de Bombeiros e só 7 de Artilheiros. Em termos de efectivo, devia ter muito mais, pois, só em oficiais compreendia 64 homens. O uniforme era também de cor predominante azul.¹⁶

Finda a Guerra, os receios dissipam-se, e o Regimento da Corte e da Armada passa outra vez a troço¹⁷, os oficiais que excedem vão entrando pouco a pouco para o Regimento do Alentejo. A decadência desse troço continua devido á falta de poder económico, mas, mesmo assim, consegue sobreviver até 1762.

O troço extingue-se em 1762¹⁸, e juntamente com as guarnições de alguns fortes marítimos e pessoal recrutado em Lisboa, formam um novo Regimento com sede em S. Julião da Barra e denominado por Regimento de Artilharia da Corte. O novo Regimento seria organizado com 2 Batalhões, tendo cada um 12 Companhias a 60 homens, fazendo num total efectivo de 720 homens em cada batalhão, estabelecendo-se num total de 1440 homens.

Um outro Regimento foi formado no Algarve em 1718¹⁹, denominado por Regimento de Artilharia e Marinha do Reino do Algarve, e com sede em Lagos. O Regimento possuía um efectivo de 218 artilheiros e 100 marinheiros, distribuídos em 6 Companhias de 53 homens cada. O Regimento caiu em deca-

¹¹ Decreto de 20 de Fevereiro de 1708. Vide quadro 1, anexo A.

¹² Vide figura 16, anexo C.

¹³ Vide figura 2, anexo B.

¹⁴ Decreto de 23 de Novembro de 1708.

¹⁵ O nome desse Regimento não era certo. Nos documentos daquela época o Regimento era denominado por Regimento da Corte e da Armada, ou Regimento ou Troço da Artilharia do Mar ou da Marinha, Troço dos Artilheiros da Armada, ou de Troço de Tenência.

¹⁶ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume I*, pp. 29 e 30.

¹⁷ Decreto de 15 de Setembro de 1715.

¹⁸ Alvará de 9 de Abril de 1762.

¹⁹ Decreto de 22 de Dezembro de 1718. No entanto, o Regimento só foi criado em 1721 – Resolução régia de 23 de Maio de 1721 e ordem da Junta dos Três Estados de 25 de Junho de 1721.

dência e desorganização completa e, no passar dos anos, as Companhias ficaram completamente independentes nos pés de castelo, sem qualquer ligação com o Comando Superior. Com essa decadência o Regimento assim se extinguiu, aproveitando, no entanto, alguns Oficiais para formarem um novo Regimento em 1763 que nascia no Algarve.²⁰

1.2 A Reorganização de Conde de Lippe

Devido à Guerra dos Sete Anos, verificou-se que o estado do Exército era decadente, então o ministro de D. José I (futuro marquês de Pombal), não quis descurar o problema que o Exército tinha vindo a viver, e colocou nas mãos de Conde de Lippe a responsabilidade de reorganizar o Exército e de uma regulamentação adequada onde consolidasse a disciplina e promovesse a instrução.

Assim sendo, em 1763²¹, o Exército passa a ter 4 Regimentos de Artilharia: Regimento de Artilharia de Corte; Regimento de Artilharia do Alentejo; Regimento de Artilharia do Porto²²; e Regimento de Artilharia de Lagos. Contudo, neste decreto somente se refere a 3 Regimentos, sem fazer qualquer referência ao Regimento de Lagos. No entanto, no “*Plano que Sua Majestade manda seguir e observar no estabelecimento, estudos e exercícios das aulas dos Regimentos de Artilharia*”²³, o rei D. José I refere-se a 4 Regimentos: “...e determinando entre outras reduções a dos Corpos de Artilheria aos quatro Regimentos...”; e mais à frente é falado acerca do Regimento de Lagos: “Os Regimentos de Artilheria de S. Julião da Barra, e de Lagos...”. Verificando-se que foi ordenado formar um Regimento em Lagos.

No Regimento de Artilharia de Corte foi ordenado que um dos Batalhões fosse retirado e esse Batalhão formava o 2.º Regimento da Armada. O outro Batalhão permanecia no Regimento, sendo composto por 12 Companhias a 60 homens, ficando com um efectivo de 720 homens. Este Regimento foi destinado a guarnecer a Artilharia das naus; no Regimento de Artilharia do Alentejo ficou também com 1 Batalhão, igualmente composto por 12 Companhias a 60 homens, aliás, os Regimentos de Artilharia ficaram todos com esta organização; o Regimento de Artilharia do Porto foi formado a partir de um Batalhão do Regimento de Infantaria do Porto e ficou com a mesma organização que os dois Regimentos anteriores; quanto ao Regimento de Artilharia de Lagos, como já referi, neste decreto não faz qualquer referência acerca da organização e como foi formado.

A 4 de Junho de 1766, foi publicado um alvará pelo rei D. José I, com o intuito de relembrar o plano estabelecido para a formatura dos Regimentos de Artilharia em 10 de Maio de 1763, devido à desorganização que se encontravam os Regimentos. Visto que este alvará se referia aos 4 Regimentos, logo estava também incluído o de Lagos. Nesse alvará é declarado que todos os Regimentos fossem organizados pela seguinte forma: cada Regimento seria constituído por uma Companhia de Bombeiros, uma de Mineiros, uma de Artificies e 9 Companhias de Artilheiros.²⁴ As Companhias de Bombeiros, Mineiros

²⁰ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume I*, pp. 104 e 105.

²¹ Decreto de 10 de Maio de 1763.

²² Este Regimento estava situado no quartel em Valença, pelo menos em 1765 devido a referências nos decretos de 16 de Janeiro de 1765 e de 1 de Agosto de 1765. Em 1797 há referência de como o Regimento estava em Viana do Castelo – Documento do Arquivo Histórico Militar (AHM), 3.ª divisão, 1.ª secção, caixa 17, n.º 39.

²³ Decreto de 15 de Julho de 1763.

²⁴ Vide quadro 2, anexo A.

e Artificies, tinham um efectivo total de 63 homens cada e eram comandadas por Capitães; as 9 Companhias de Artilheiros tinham um efectivo de 61 homens cada, sendo a 1.^a Companhia comandada pelo Coronel, a 2.^a pelo Tenente-Coronel, a 3.^a pelo Sargento-mor, e as restantes seis Companhias por Capitães.

As bocas-de-fogo foram distribuídas em número e tipo, sendo os calibres de 3, 6, 9, 12,²⁵ destinados ao serviço de campanha, e as peças de 3 e 6 libras destinadas à Artilharia de Montanha.²⁶ Os uniformes também modificaram em 1764²⁷ e, como no resto do Exército, a casaca, as bandas e os calções seriam azuis e os botões prateados. Para os Tambores e Pífaros as casacas e os calções seriam encarnados.²⁸

A 8 de Junho de 1764 o Regimento de Artilharia de Lagos marchou para Lisboa, à ordem do Conde de Lippe, para desenvolver a instrução. Sendo assim, este Regimento passou a ser vizinho do Regimento de Artilharia da Corte, e ambos guarneciam a Artilharia das naus. Em 1776 este Regimento extinguiu-se, incorporando-se no Regimento da Corte. Mas o Exército continuou a ter 4 Regimentos de Artilharia, aliás, entre 1774 a 1776 houve 5 Regimentos. Em Setembro de 1774 foi mandado formar um outro Regimento, o Regimento de Artilharia do Algarve, em Faro. A razão pela qual foi mandado formar é desconhecida e não existe qualquer documento oficial dessa tal ordem, somente existe um documento de 1794, onde o Comandante do Regimento escreveu o seguinte: *“Por algumas razões políticas, o nosso ministério resolveu em Setembro de 1774 formar um novo Regimento de Artilharia, composto de gente veterana...”*²⁹

1.3 A Revolução Francesa

Devido à Revolução Francesa, e com receio que as mesmas ideias pudessem incentivar uma revolução em Portugal, D. Maria I pretende manter as simpatias com o Exército, aumentando as regalias e fazendo alterações orgânicas, que também tiveram influência na Artilharia. Então em 1791³⁰ os Regimentos de Artilharia passam a ser compostos por 10 Companhias, sendo 3 Graduadas (Bombeiros, Mineiros e Artificies) e 7 de Artilheiros. As outras 2 Companhias de Artilheiros (11.^a e 12.^a Companhias) iriam formar o Regimento de Artilharia da Marinha.³¹

O Regimento de Artilharia da Marinha³² foi formado com o intuito de haver um Regimento somente para guarnecer as naus, e ficava constituído por 10 Companhias, 8 Companhias de Artilheiros, vindo dos 4 Regimentos de Artilharia, a 83 homens cada, e 1 Companhia de Bombeiros e outra Companhia de Burlotes a 87 homens cada. Com os Oficiais o Regimento ficava com um efectivo de 854 homens.

²⁵ Vide figura 17, anexo C.

²⁶ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, pp. 109, 118 e 119.

²⁷ Alvará de 24 de Março de 1764.

²⁸ Vide figura 3, anexo B.

²⁹ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, pp. 49 e 50.

³⁰ Decreto de 12 de Dezembro de 1791.

³¹ Vide quadro 3, anexo A.

³² O Regimento extinguiu-se em Fevereiro de 1801.

Em 1792 é proclamada a República na França e as maiores potências monárquicas europeias, onde estava incluída a Espanha, tentam invadir a França e abaterem a revolução. Entretanto, Portugal alia-se à Espanha em 1793, e vê-se envolvido na Campanha do Rossilhão, onde foram enviadas 2 Divisões artilheiras com 2 Companhias cada Divisão. Este corpo tinha um efectivo de 466 homens mais 6 obuses de 6 polegadas, 2 peças de calibre de 6 e 14 peças de calibre de 3.³³

Sem Portugal tomar conhecimento, a sua aliada Espanha, assina a Paz de Basileia em 22 de Julho de 1795³⁴ com a França. Portugal só tem esse conhecimento em Outubro, quando as tropas portuguesas se retiram, de regresso ao reino.

França e Espanha ordenam que Portugal feche os portos aos ingleses e que não se alie à Inglaterra. Portugal não atende à ordem e a guerra com Espanha e França está na iminência. É devido a essa iminência que em 1796 é ordenado que os Regimentos de Artilharia sejam aumentados para 1200 homens³⁵, ficando cada Regimento com a seguinte organização: a Companhia de Bombeiros tinha um efectivo de 124 homens, as Companhias de Mineiros, Pontoneiros, e as 5 primeiras de Artilheiros, tinham um efectivo de 118 homens, as 6.^a e 7.^a Companhias possuíam um efectivo de 117 homens, e no Estado Maior tinha um total de 16 homens.³⁶

No mesmo ano³⁷, foi mandado criar a Legião de Tropas Ligeiras, que era constituída por 1 Batalhão de Infantaria, 3 Esquadrões de Cavalaria e uma Bateria de Artilharia Ligeira a Cavallo. A Bateria de Artilharia Ligeira era composta por 40 homens, 56 cavalos e 4 peças de calibre 6.

³³ WIEDERHOLD, Barão de, *O Exército Auxiliar Português vulgarmente denominado do Roussilhon, que em 1793 passou a Espanha*, in *Revista Militar* de 1862, n.º 14.

³⁴ Este tratado marcou a pacificação entre a Espanha e a França.

³⁵ Decreto de 1 de Agosto de 1796.

³⁶ Vide quadros 4.1 e 4.2, anexo A.

³⁷ Decreto de 7 de Agosto de 1796.

Capítulo II

A Artilharia no início da Idade Contemporânea

2.1 A Artilharia na Guerra Peninsular

A guerra, mais que esperada, acontece a 20 de Maio de 1801 com os espanhóis a dirigirem-se para Elvas, iniciando-se assim a Guerra das Laranjas. Na guerra, grande parte do Regimento da Corte dirigiu-se a Abrantes para incorporar no Exército do Alentejo³⁸. No Regimento do Alentejo 540 homens dirigiram-se para Abrantes, 236 homens foram para Elvas e outras forças menores para Jeromenha, Ouguela, Estremoz, Castelo de Vide e Marvão. Cerca de 150 homens do Regimento do Alentejo estiveram entre 20 de Maio e 6 de Junho cercados em Campo Maior. O Regimento de Faro destacou homens para guarnecer umas baterias construídas em Vila Real de Santo António e Castro Marim, onde a 8 de Junho combateram contra forças do Exército espanhol. Depois desse confronto deslocaram-se para o Alentejo, e mais tarde para Abrantes, onde se reuniram às forças que ali se estavam a organizar. Em Abrantes, o Regimento esteve dividido em dois destacamentos, sendo o 1.º destacamento constituído por 450 homens e o 2.º destacamento por 543 homens. Na mesma vila, o Regimento da Corte tinha um efectivo de 99 homens, e o Regimento do Alentejo tinha 598 homens. O Regimento do Porto mobilizou homens para algumas praças da fronteira nortenha, como Almeida, Valença, Bragança, Chaves, Caminha e forte da Novelhe, e guarneceu diferentes Baterias que se construíram para defender a passagem do Rio Minho. Também forneceu uma força para guarnecer o Exército de Entre-Douro-e-Minho.³⁹

Esta guerra não estava a correr nada bem para as forças portuguesas, e o Ministro Luís Pinto de Sousa, apavorado com as más notícias, tenta assim fazer um acordo de paz com Espanha, assinando o Tratado de Badajoz em 1801, dando o fim à Guerra das Laranjas. A participação desastrosa de Portugal, fez despertar o Governo para as necessidades do Exército. Era necessária nova reorganização, que, com avanços e recuos, só chegara em 1806⁴⁰.

O Exército passou a ser formado por 3 Divisões (A Divisão do Norte, do Centro e do Sul), por tropas de linha, milícias, ordenanças e alguns corpos militares e civis. À frente do exército encontrava-se o Comandante-chefe, que era designado por Marechal-general do Exército. Subordinado a este encontrava-se o Governador das Armas do Reino. Os Regimentos passaram a ser numerados, sendo os Regimentos de Artilharia numerados de 1 a 4. As Divisões eram constituídas por 8 Regimentos de Infantaria, 4 de Cavalaria e 1 de Artilharia, exceptuando a Divisão do Sul, que era constituída por 2 Regimentos de Artilharia. O Regimento da Corte passou a denominar-se por Regimento de Artilharia n.º 1 e pertencia à Divisão do Centro; O Regimento de Faro denominar-se-ia por Regimento de Artilharia n.º 2 e o Regimento de Estremoz por Regimento de Artilharia n.º 3, pertencendo ambos os Regimentos à Divisão do Sul; na Divisão do Norte pertencia o Regimento de Artilharia n.º 4, o antigo Regimento do Porto. Em

³⁸ Foram formados 2 Exércitos: Um Exército para defender as terras do Minho e Trás-os-Montes, e principalmente o Porto, denominado por Exército de Entre-Douro-e-Minho; outro Exército para defender as fronteiras do Algarve, Alentejo e da Beira, e sobretudo Lisboa, denominado por Exército do Alentejo.

³⁹ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume I*.

⁴⁰ Decreto de 19 de Maio de 1806.

termos de efectivos e constituições dos Regimentos não há indicações de alguma alteração, mas em 1803⁴¹ tinham sido extintas as Companhias de Artificies nos Regimentos de Artilharia, criando-se uma Companhia de Artificies privativa no Arsenal Real do Exército⁴².

Os uniformes também modificaram com este plano. O tricórnio é substituído pela barretina, passou a ser constituído por uma farda curta abotoado ao centro, pantalonas⁴³ azuis escuras no Inverno e brancas no Verão.⁴⁴

Em 1807 é ordenada a reorganização das Ordenanças⁴⁵. O país ficaria dividido em 7 Governos Militares⁴⁶, onde seriam distribuídas 24 Brigadas de Ordenanças, sendo estas Brigadas designadas pelos números dos Regimentos de Infantaria, e cada Brigada recrutava pessoal para os Regimentos de Infantaria e teria 2 Regimentos de Milícias. Ainda na dependência das Brigadas ficavam as Companhias de Ordenanças, onde eram constituídas por todos os homens válidos entre os 17 e os 40 anos.

Estas reorganizações ainda não estavam em plena execução quando Portugal teve que se haver com a 1.^a Invasão Francesa em Novembro de 1807, que durou até 31 de Agosto de 1808. Durante a Invasão Francesa os Regimentos de Artilharia n.º 1, 2 e 4 foram deslocados para Lisboa, somente o Regimento de Artilharia n.º 3 não se deslocou. Destacam-se as batalhas da Roliça e do Vimeiro, onde combateu em ambas o Regimento de Artilharia n.º 4 com 210 homens. O Regimento de Artilharia n.º 3 combateu em Évora a 27 de Julho de 1808, com um efectivo de 53 homens. Estas foram as participações dos Regimentos de Artilharia na 1.^a Invasão Francesa.⁴⁷ Finda a guerra, foi ordenado que todos os Regimentos se formassem com a mesma organização ordenada no decreto de 1 de Agosto de 1796.

2.2 O Exército de Beresford.

Em Março de 1809 dá-se o início da 2.^a Invasão Francesa pelo Norte de Portugal, e ao Exército português era imprescindível alguém com capacidades de o reorganizar e de o disciplinar, porque continuava a haver desordem. Então D. João VI pediu ao governo inglês um Oficial com essa capacidade. Foi-lhe recomendado o Major-general Beresford, que chega assim a Portugal em princípios de Março de 1809, organizando logo o Exército⁴⁸, ficando os Regimentos de Artilharia com a seguinte organização: a Companhia de Bombeiros ficava com um efectivo total de 118 homens, as Companhias de Mineiros, Pontoneiros e as 7 de Artilheiros com 112 homens e no Estado Maior estavam 22 homens, perfazendo um total de 1148 homens para cada Regimento.⁴⁹ Os Regimentos foram organizados em Brigadas Volantes que acompanhavam os Regimentos de Infantaria e Cavalaria durante a guerra.

⁴¹ Decreto de 7 de Agosto de 1803.

⁴² O Arsenal Real do Exército era a instituição que centralizava a produção e a distribuição do equipamento militar pela Armada e pelo Exército. Esta instituição, criada em 1488, era composta por armazéns de armas, de uma fábrica de pólvora e de uma fundição de peças de Artilharia.

⁴³ Calças justas à perna.

⁴⁴ Vide figura 4, anexo B.

⁴⁵ Decreto de 21 de Outubro de 1807.

⁴⁶ Os 7 Governos Militares seriam: Minho; Trás-os-Montes; Partido do Porto; Beira; Corte e Estremadura; Alentejo; e Algarve.

⁴⁷ AYRES, Christovam, *História do Exército Português – Provas, Volume 11*, p. 243.

⁴⁸ Decreto de 20 de Outubro de 1809.

⁴⁹ Vide quadros 5.1 e 5.2, anexo A.

A 2.^a Invasão Francesa, onde os franceses tentaram-se apoderar do Porto, terminou a 12 de Agosto de 1809, havendo muitos mais combates que na 1.^a Invasão. Eis os combates mais importantes onde a Artilharia esteve presente⁵⁰: Combate de Carvalho de Este – 200 homens do Regimento n.º 4 com 20 peças; Defesa da Cidade do Porto – 600 homens do Regimento n.º 4 com 12 peças⁵¹; Defesa de Ponte Lima – 160 homens do Regimento n.º 4 com 16 peças; Defesa da Ponte de Amarante – 400 homens do Regimento n.º 4 com 17 peças e 6 homens do Regimento n.º 1 com 2 peças; Combate de passagem do Douro e tomada do Porto – 85 homens do Regimento n.º 4 com 6 peças.

Após o término da 2.^a Invasão Francesa, Wellington e Beresford sabiam que Napoleão voltaria a empenhar-se contra os portugueses e ingleses, visto serem os únicos estados que não estavam sob o domínio francês, e então preparavam a defesa de Portugal.

Nessa preparação a Artilharia passava a ter o seguinte armamento⁵²: peças de bronze de 3, 6 e 9 arráteis – o alcance máximo eficaz não ultrapassava os 350 metros, e a carreta de transporte já tinha dois jogos: o armão e o reparo; obuses de 15 cm⁵³ de diâmetro na boca, onde o alcance já chegava aos 1100 metros; começam a usar o *shrapnell*⁵⁴; na Artilharia de Montanha usavam peças de calibre 3 e eram transportados a dorso de mular; para ataques e defesas de praças usavam as peças de 9, 12, 18 e 24 arráteis, obuses, morteiros e os antigos pedreiros.

Para a defesa de Lisboa criaram-se 2 Batalhões de Artilheiros Nacionais de Lisboa, um oriental e outro ocidental⁵⁵. Estes Batalhões foram formados através da junção das Companhias de Artilheiros das Legiões Nacionais de Lisboa⁵⁶, onde passavam a ser considerados como Corpos Milicianos e tinham de se armar e fardar. Cada Batalhão era constituído por 1 Estado Maior e 8 Companhias.⁵⁷

A 3.^a Invasão inicia em Julho de 1810 com Massena a entrar em Portugal pelo rio Côa. A grande batalha nesta invasão foi a Batalha do Buçaco, onde os portugueses e ingleses desembarçaram-se exemplarmente, e onde houve a participação de 3 Regimentos de Artilharia. Eis as acções mais importantes em que houve participação artilheira⁵⁸: Defesa da Praça de Almeida⁵⁹ – 401 homens do Regimento n.º 4; Combate do Buçaco – 4 Brigadas com 330 homens do Regimento n.º 1, 4 Brigadas com 440 homens do Regimento n.º 2, e 1 Brigada com 110 homens e 6 peças do Regimento n.º 4; Combate do Sabugal – 3 Brigadas com 230 homens do Regimento n.º 2; Sítio da Praça de Olivença – 1 Brigada a 110 homens do Regimento n.º 2 e 111 homens do Regimento n.º 3; Batalha de Fuentes de Hoñor – 3 Brigadas com 220 homens do Regimento n.º 1 e 3 Brigadas com 330 homens do Regimento n.º 2.

⁵⁰ AYRES, Christovam, *História do Exército Português – Provas, Volume 11*, pp. 244 à 247. Para uma lista mais completa dos combates vide quadro 1, anexo D.

⁵¹ Além das 12 peças havia mais 300 peças de Artilharia de Campanha e de Praça que existiam na defesa da cidade.

⁵² MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, p. 252.

⁵³ Vide figura 18, anexo C.

⁵⁴ Esfera oca cheia de balas de chumbo. Vide figura 19, anexo C.

⁵⁵ Decreto 10 de Julho de 1810. Foram extintos em 1828 (Ordem do Exército n.º 50 de 16 de Maio de 1828).

⁵⁶ Estas Companhias foram formadas a 28 de Dezembro de 1808 por homens isentos de recrutamento da tropa de linha e das milícias, com o intuito de defender Lisboa das invasões.

⁵⁷ Vide quadros 6.1 e 6.2, anexo A.

⁵⁸ AYRES, Christovam, *História do Exército Português – Provas, Volume 11*, pp. 248 à 256. Vide quadro 2, anexo D, para uma lista mais completa dos combates.

⁵⁹ Vide figura 20, anexo C.

Em 1810⁶⁰ foram organizadas Companhias de Artilheiros de Ordenanças em todo o Reino para aumentar a defesa de Lisboa nas Linhas de Torres Vedras⁶¹, eram consideradas Corpos de Ordenanças e ficavam sujeitas ao recrutamento de Linha e Milícias. Estavam subordinadas aos Governadores Militares dos seus distritos e aos Generais Governadores das Armas das respectivas províncias.

A 3.^a Invasão Francesa terminava a 11 de Maio de 1811 com a retirada dos franceses de Almeida, mas as forças portuguesas e ingleses não terminaram a sua campanha e deram continuidade à guerra frente aos franceses até à Batalha de Toulouse, já em França, a 16 de Abril de 1814. Eis os combates mais importantes onde houve participação artilheira⁶²: Sítio da Praça de Badajoz – 36 homens do Regimento n.º 1, 110 homens do Regimento n.º 2, 415 homens do Regimento n.º 3, e 70 homens do Regimento n.º 4; Batalha de Vitória – 2 Brigadas com 220 homens do Regimento n.º 1 e 1 Brigada a 110 homens do Regimento n.º 2; Batalha de Nive – 2 Brigadas com 220 homens do Regimento n.º 1 e 1 Brigada a 111 homens do Regimento n.º 2; Batalha de Toulouse – 3 Brigadas com 330 homens do Regimento n.º 1 e 1 Brigada a 110 homens do Regimento n.º 2.

2.3 As Revoluções Liberais e a Guerra Civil

Após a Guerra Peninsular, houve uma reorganização do Exército em 1814, mas antes disso, e ainda em guerra, houve alterações na Artilharia. Em 1812⁶³, extinguiram-se as Companhias de Bombeiros, enquanto as Companhias de Mineiros e Pontoneiros juntaram-se aos Artificies e formaram o Batalhão de Artificies-Engenheiros. Voltando à reorganização de 1814⁶⁴, o Exército foi reduzido em número, ficando cada Regimento de Artilharia com 10 Companhias de 88 homens cada e com um Estado Maior de 12 homens, o que fazia que cada Regimento tivesse um efectivo total de 892 homens.⁶⁵

Entretanto, ainda em 1814, começou-se a organizar um destacamento denominado por Divisão de Voluntários Reais do Príncipe⁶⁶ para o Brasil – Montevideu – defender a fronteira brasileira. Essa Divisão era constituída por, 2 Regimentos de Infantaria, 2 Batalhões de Caçadores, 1 Corpo de Cavalaria, 2 Companhias de Artilheiros e serviços auxiliares, com um efectivo total de 4830 homens. A Artilharia possuía 4 peças de calibre 6 e um obus de 5 ½ polegadas por cada Companhia. O Regimento n.º 1 destacou 59 homens; Do Regimento n.º 3 foram 70 homens; Os Regimentos n.º 2 e 4 também contribuíram com algumas praças.⁶⁷

Quando a guerra no Brasil contra os espanhóis terminou, levantou-se uma revolta em Pernambuco (Brasil) devido a ideias separatistas das colónias. A notícia chega a Lisboa a meados de Maio de 1817 e foi enviada uma expedição para o Brasil constituída por 4 Batalhões de Infantaria, 1 de Caçado-

⁶⁰ Decreto de 10 de Setembro de 1810.

⁶¹ Estas linhas foram criadas com o intuito de proteger Lisboa. Vide figuras 56 e 57, anexo F.

⁶² AYRES, Christovam, *História do Exército Português – Provas, Volume 11*, pp. 257 à 284. Vide quadro 3, anexo D para uma lista mais completa dos combates.

⁶³ Decreto de 8 de Outubro de 1812.

⁶⁴ Decreto de 29 de Outubro de 1814.

⁶⁵ Vide quadros 7.1 e 7.2, anexo A.

⁶⁶ Quando D. Maria I faleceu, aclamado assim D. João VI a rei de Portugal, o destacamento passou a ser denominado Divisão de Voluntários Reais d' El Rei.

⁶⁷ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, pp. 172 e 173.

res, e a 7.^a Companhia do Regimento de Artilharia n.º 4 que totalizava 108 homens. O material artilheiro que acompanhou nessa expedição foi o seguinte: 5 peças de bronze de calibre 6; 5 peças de bronze de calibre 9; e 2 obuses de bronze de 5 ½ polegadas. Quando a expedição chegou ao local destinado, a revolta já se encontrava abafada, tendo assim a expedição de ser repartida, incluindo a Artilharia, indo uma parte para Baía e a restante força para Rio de Janeiro. A 29 de Dezembro de 1822, devido a um confronto entre forças brasileiras e portuguesas em Baía, foi enviada outra expedição, onde iam 175 homens do Regimento de Artilharia n.º 1, e mais tarde uma outra expedição foi enviada com 94 homens do Regimento de Artilharia n.º 3. Ainda em 1821, devido a essas revoltas separatistas, foi mandado criar a Legião Constitucional Lusitana, onde estavam integrados 112 homens artilheiros, vindos dos 4 Regimentos, e que também foi enviada para Baía em 1822. A 2 de Julho de 1823, essas forças voltam para Portugal e o Brasil deixava de ser colónia portuguesa.⁶⁸

Após a morte de D. João VI dá-se a Crise de Sucessão ao Trono Português, que dá origem à Guerra Civil a 16 de Maio de 1828 no Porto e em Aveiro. A revolta levanta-se em 2 Regimentos de Infantaria e um de Artilharia, o n.º 4, do Porto, e 1 Batalhão de Caçadores de Aveiro. A esses Regimentos juntaram-se várias Unidades do Norte e Centro do País até Santarém. Organizou-se um Exército com cerca de 4000 homens, liderado por D. Pedro, que defendia os liberais. Entretanto, D. Miguel reúne 3 Divisões a caminho do Norte para vencer a revolta e a 23 de Junho de 1828 as duas forças encontram-se, mas os liberais retiram-se até Espanha, ficando espalhados e desorganizados devido ao desânimo. O Regimento de Artilharia n.º 4 dissolvia-se completamente, sendo a sua extinção consumada a 9 de Julho de 1829.⁶⁹

Em 1831⁷⁰ houve alteração na denominação dos 3 Regimentos. O Regimento de Artilharia n.º 1 voltou a denominar-se de Regimento de Artilharia da Corte e o seu quartel voltou a ser em Lisboa; o Regimento n.º 2 passou a denominar-se Regimento de Artilharia de Elvas e o seu quartel em Elvas; e o Regimento n.º 3 voltou a denominar-se por Regimento de Artilharia de Faro, estando o seu quartel em Faro. D. Pedro IV nesse mesmo ano organiza o 1.º Batalhão de Artilharia, formado pelas forças açorianas⁷¹, com 6 Companhias de 113 homens cada, mais 10 homens do Estado Maior, totalizando um efectivo total de 688 homens.

A 8 de Julho de 1832 dá-se o Cerco do Porto, onde a Artilharia teve grande influência no desenrolar, visto as forças liberais saírem vencedoras, e umas das fortes razões para essa vitória foi a superioridade ganha pela Artilharia. Os realistas foram derrotados em Valongo a 18 de Agosto de 1833. Veremos as forças artilheiras dos Exércitos Liberal e Realista:

O Exército de D. Pedro possuía a seguinte Artilharia⁷²: 1.º Batalhão de Artilharia com 577 homens; Brigada Volante (Companhia de Académicos com 70 homens e de Condutores com 24); Artilharia de Costa (Ilha Terceira: Angra com 238 homens e Praia com 391; Graciosa: Santa Cruz com 115 homens e Praia com 103; Faial com 342; e S. Jorge com 98); Estado Maior de Artilharia com 26 homens. E o

⁶⁸ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, pp. 174 a 178.

⁶⁹ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, p. 338 à 340.

⁷⁰ Decreto de 15 de Abril de 1831.

⁷¹ Ordem do Dia n.º 144 de Novembro de 1831, publicada em Angra do Heroísmo.

⁷² Mapas de 7 e 21 Março de 1832.

seguinte material⁷³: 2 obuses; 6 peças de calibre 6; 8 peças de calibre 8. O pessoal de Artilharia que fazia parte deste Exército pertencia ao já extinto Regimento de Artilharia n.º 4.⁷⁴

O Exército de D. Miguel possuía a seguinte Artilharia em Fevereiro de 1831⁷⁵: 1 Bateria de Artilharia Volante: 202 homens com 6 peças de calibre 9 e 2 obuses; Meia Brigada: 98 homens (60 artilheiros de linha e 38 artilheiros condutores) com 3 peças de calibre 6 e 1 obus; Meia Bateria de Artilharia Volante: 113 homens com 3 peças de calibre 6 e 1 obus; Meia Bateria de Artilharia Volante: 92 homens com 3 peças de calibre 6 e 1 obus; e Meia Bateria de Artilharia de calibre 6.

No Cerco do Porto foi colocado bastante Artilharia em fortificações, e a Artilharia das forças Liberais instalaram-se em Gaia, desde a Bateria do Bicalho (na base da encosta onde se apoia o encontro Norte da Ponte da Arrábida) até à Bateria da Quinta da China (encontro Norte da Ponte de S. João), ao longo de 9 Baterias; e instalaram-se nos limites Este, Norte e Oeste do Porto, começando na Bateria das Oliveiras (encosta da estação de Campanhã) até à Bateria do Lordelo (nas imediações do lado Poente da actual Rua D. Pedro V), ao longo de 13 Baterias. Quanto às fortificações Realistas, encontravam-se na margem Sul do Douro, iniciando no areal do Cabedelo e seguia pelo rio até à Pedra Salgada (onde se localiza o encontro Sul da Ponte do Freixo), tendo 17 Baterias; depois prosseguia pelo Norte do rio, iniciando em Monte de Valbom até ao Forte do Queijo, tendo 12 Baterias instaladas.⁷⁶

Em 1833 D. Pedro IV forma o 2.º Batalhão de Artilharia a partir do Depósito de Artilheiros e o 3.º Batalhão de Artilharia,⁷⁷ que chegaram a estar empenhados no Cerco ao Porto. Após o fim do Cerco ao Porto, só a 16 de Maio de 1834 é que se deu o último confronto, e a 23 Maio assinou-se a Convenção de Evoramonte, onde terminou a Guerra Civil.

Depois da derrota do absolutismo, o Exército foi reorganizado⁷⁸, inspirado no Exército francês. Os Regimentos da Corte, de Faro e de Elvas, mais os 3 Batalhões de Artilharia do Exército liberal, extinguíram-se, e formaram-se 2 Regimentos: o Regimento de Artilharia n.º 1, com o seu quartel no Porto; e o Regimento de Artilharia n.º 2, com o seu quartel em Santarém. Estes 2 Regimentos formaram-se com homens dos 3 Batalhões de Artilharia. Cada Regimento era organizado em 16 Baterias, das quais 2 eram a Cavalos, 6 eram Montadas e 8 eram de Posição. Cada Bateria possuía de 4 bocas-de-fogo, perfazendo um total de 64 bocas-de-fogo. Cada Regimento teria 1742 homens, 60 cavalos e 96 muares.

O uniforme também mudou, e teve como principal objectivo de uniformizar os uniformes das diferentes armas. Este plano foi, também ele, fortemente influenciado pelo francês, no entanto, a barretina corresponde à barretina inglesa contemporânea. O uniforme, além da barretina, era constituído por uma casaca de cor azul escura e com duas fileiras de 8 botões, e as calças eram de cor mescla (acinzentadas), e tinham uma lista encarnada ao longo das costuras exteriores.⁷⁹

⁷³ Mapa de 15 de Agosto de 1828. Vide figuras 21 e 22, anexo C.

⁷⁴ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, p. 192.

⁷⁵ BOTELHO, General Teixeira, *Novos subsídios para a história da Artilharia Portuguesa, Volume II*, pp. 186 e 187. Vide figuras 23 e 24, anexo C.

⁷⁶ MARTELO, David, *Cerco do Porto*, pp. 32, 33 e 34.

⁷⁷ O 2.º Batalhão foi criado segundo Portaria de 22 de Agosto de 1833, e o 3.º Batalhão, segundo a Portaria de 11 de Novembro de 1833.

⁷⁸ Decreto de 18 de Julho de 1834.

⁷⁹ Ordem do Exército n.º 9 de 22 de Novembro de 1834. Vide figuras 5 e 6, anexo B.

Em 1837⁸⁰ houve nova reorganização na Artilharia devido a “*inconvenientes da organização da Infantaria, e Cavallaria, estabelecida no Plano de 18 de Julho de 1834*”, extinguindo os 2 Regimentos de Artilharia e voltou-se a criar 4 Regimentos de Artilharia: Regimento de Artilharia n.º 1 em Santarém, onde era constituído por 1 Bateria a Cavalo e 7 Baterias Montadas; n.º 2 em Elvas; n.º 3 em Faro; e n.º 4 no Porto. Estes três últimos Regimentos eram de Artilharia de Posição, tendo cada Regimento 8 Baterias de Posição, e eram destinados ao serviço de fortificações. Também foram destacadas 3 Baterias dos Regimentos 2, 3 e 4, para as Ilhas adjacentes, estando num tempo máximo de 2 anos. Essas Baterias teriam a seguinte denominação e localização: 1.^a Bateria para o Funchal; 2.^a Bateria para Ponta Delgada; e a 3.^a Bateria para Angra do Heroísmo. A Artilharia tinha um total de 3232 homens.⁸¹

Em 1848, há novo plano para os uniformes, e na casaca passa a ter só uma fiada de oito botões na frente e é adoptada a mesma barretina que o Exército francês usa.⁸² A 20 de Dezembro de 1849⁸³ o país é dividido em 3 Divisões Militares territoriais: Lisboa, Évora e Porto, e a Artilharia é reduzida a 3 Regimentos, sendo 2 Regimentos com 10 Baterias cada, e dessas 10 Baterias, em tempo de paz, 1 é Montada, 1 é de Montanha e 8 são Apeadas; e um dos Regimentos terá na mesma 10 Baterias, mas uma Bateria é a cavalo em vez de Montada; em tempo de guerra, 2 Regimentos terão 2 Baterias Montadas, 2 de Montanha e 6 Apeadas, enquanto que um Regimento terá a mesma constituição exceptuando as 2 Baterias Montadas que em vez destas terá 1 Bateria a Cavalo e 1 Montada. O Corpo de Artilharia terá um efectivo total de 2707 homens em pé de paz e 4098 homens em pé de guerra.⁸⁴

As Baterias Montadas seriam compostas com 6 bocas-de-fogo e nas ilhas adjacentes, eram destacadas alternadamente Baterias e seriam rendidas de 6 em 6 meses. O Estado Maior seria em Lisboa e os 3 Regimentos também em Lisboa.

⁸⁰ Ordem do Exército n.º 4 de 14 de Janeiro de 1837.

⁸¹ Vide quadro 8, anexo A.

⁸² Ordem do Exército n.º 50 de 2 de Setembro de 1848. Vide figuras 7 e 8, anexo B.

⁸³ Ordem do Exército n.º 3 de 9 de Janeiro de 1850.

⁸⁴ Vide quadros 9.1, 9.2 e 9.3, anexo A.

Capítulo III

Da Regeneração à queda da Monarquia

3.1 Sá da Bandeira e a modernização da Artilharia

Quando Saldanha foi nomeado para Presidente do Governo, passando a denominar-se o *Governo da Regeneração*, a 1 de Maio de 1851, Portugal volta a entrar em paz e a acompanhar a evolução que ia vivendo a Europa. Nesse mesmo ano foi adquirido o obus de 12 cm de campanha (sistema Napoleão)⁸⁵, em 1861 começa-se a estudar o estriamento das bocas-de-fogo, que já fora introduzido na Artilharia francesa, e é criado em Vendas Novas⁸⁶ um estabelecimento militar denominado Campo de Instrução em que *“compreenderá a escola pratica do serviço combinado de todas as armas – o polygono de artilharia – a escola pratica do serviço especial de cada uma das armas – e o campo de instrucção da escola do exercito”*, e também reservado à Artilharia: *“Na primavera, e mais o tempo que convier, de cada anno, funcionarà o polygono como escola pratica de artilharia”*. De referir que em 1863, o Arsenal do Exército podia fornecer a 1 Regimento de Artilharia 6 Baterias de peças de 8 cm já estriadas e eram fabricados obuses de 12 cm, peças de montanha de 8 cm⁸⁷, e de sítio, todas estriadas.⁸⁸

Antes de entrarmos nas reorganizações de Sá da Bandeira, há que referir que os uniformes alteraram segundo o plano de 1856 influenciados mais uma vez pela França, deixando de se usar a casaca de abas posteriores sendo substituído por um casaco com abas ao redor de toda a cintura.⁸⁹

Em 1862⁹⁰, Marquês de Sá da Bandeira, acabado de tomar o posto de Ministro da Guerra, reorganiza a Artilharia com o intuito de a melhorar devido às suas necessidades. Então assim, o Corpo da Artilharia terá um General Comandante Geral da Arma, um Estado Maior e 3 Regimentos, onde 1 é Montado e constituído por 6 Companhias; e 2 são de Posição com 11 Companhias e um Esquadrão de Trem. O Regimento Montado é o n.º 1 e é situado em Lisboa como os outros dois. A Artilharia teria um efectivo de 2913 homens em tempo de paz e 4459 homens em tempo de guerra.⁹¹

Logo a seguir, em 1863⁹², Marquês de Sá da Bandeira volta a reorganizar o Exército com alguns princípios modernos. O Corpo de Artilharia continua a ter um General Comandante Geral da Arma, um Estado Maior e 3 Regimentos, o 1.º Regimento continua a ser o Montado, mas agora constituído por 8 Baterias; os outros 2 Regimentos são de Guarnição com 11 Companhias em tempo de paz – o Esquadrão de Trem extingue-se. Em tempo de guerra, esses 2 Regimentos serão aumentados em 1 Bateria de Sítio e outra de Montanha. Os 3 Regimentos continuam situados em Lisboa e a Artilharia ficava com um efectivo de 3247 homens em tempo de paz e de 5169 homens em tempo de guerra.⁹³ Nas ilhas os

⁸⁵ Vide figura 25, anexo C.

⁸⁶ Ordem do Exército n.º 6 de 30 de Março de 1861.

⁸⁷ Vide figura 26, anexo C.

⁸⁸ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, pp. 390 e 391.

⁸⁹ Ordens do Exército n.º 11 de 2 de Setembro de 1856 e n.º 17 de 2 Outubro de 1856. Vide figura 9, anexo B.

⁹⁰ Ordem do Exército n.º 42 de 31 de Dezembro de 1862.

⁹¹ Vide quadros 10.1 e 10.2, anexo A.

⁹² Ordem do Exército n.º 53 de 31 de Dezembro de 1863.

⁹³ Vide quadros 11.1 e 11.2, anexo A.

destacamentos seriam rendidos de 18 em 18 meses. Em termos de instrução, no Regimento n.º 1 haverá uma escola para Oficiais inferiores e em Vendas Novas continua-se a instruir os futuros Oficiais.

Em 1864, sem qualquer justificação plausível, o novo Ministro da Guerra, José Gerardo Ferreira de Passos, faz publicar nova organização⁹⁴. O território era dividido em 10 Divisões Militares⁹⁵, sendo a 1.ª, 3.ª e 7.ª, respectivamente Lisboa, Porto e Estremoz e consideradas de 1.ª classe, sendo as restantes de 2.ª classe. A Artilharia compunha-se na seguinte forma: 1 Regimento de Artilharia de Campanha, que seria o n.º1, constituído por 6 Baterias e situado em Lisboa; 3 Regimentos de Artilharia de Guarnição, cada um com 7 Companhias em tempo de paz; e com 4 Companhias, 2 Baterias de Montanha e 1 Bateria Montada em tempo de guerra. Em tempo de paz, a 7.ª Companhia é destinada “...*para a instrução dos respectivos regimentos, deverão em tempo de paz ter os cavallos e muares correspondentes a uma bateria de campanha, que serão igualmente empregados nos exercícios de montanha.*” Os Regimentos situar-se-ão e denominar-se-ão da seguinte forma: o Regimento n.º 2 será em Elvas, o n.º 3 no Porto, e o n.º 4 em Lisboa; 3 Companhias de Artilharia de Guarnição: uma no Funchal que se denominará por Companhia de Artilharia de Guarnição da Ilha da Madeira; outra em Angra do Heroísmo com a denominação de Companhia de Artilharia de Guarnição da Ilha da Terceira; e outra em Ponta Delgada, a Companhia de Artilharia de Guarnição da Ilha de S. Miguel; e Escola Prática de Artilharia em Vendas Novas.

O Corpo de Artilharia teria um efectivo de 3198 homens em pé de paz e 5209 em pé de guerra.⁹⁶ Cada Bateria do Regimento de Campanha terá 4 bocas-de-fogo em tempo de paz e 6 bocas-de-fogo em tempo de guerra; os Regimentos de Guarnição, em tempo de paz, terão 4 bocas-de-fogo cada, e em tempo de guerra 18 bocas-de-fogo cada. Sendo assim, o Corpo de Artilharia terá na sua constituição um total de 36 bocas-de-fogo em tempo de paz, e 90 bocas-de-fogo em tempo de guerra.

3.2 A transformação da Artilharia e a Reorganização de 1884

Em 1868 é alterada a organização da Artilharia, onde Sá da Bandeira afirmava na Ordem do Exército publicada⁹⁷, que da reorganização de 1864 “...*resultou uma pequena diminuição do número de praças de pret, também d’ella proveiu um considerável augmento de despeza para o estado;*”, e então para reduzir a despesa diminuiu o número de Regimentos para 3 e dissolveu as Companhias das ilhas, o que não impediu de aumentar o número de homens e de bocas-de-fogo por Regimento e no efectivo total no Corpo de Artilharia. O Regimento n.º 1 continua a ser o de Campanha e em Lisboa, mas agora composto por 8 Baterias; o Regimento n.º 2 continua a ser o mesmo, o de Guarnição em Elvas; o Regimento do Porto, que era o n.º 3, dissolve-se, e passa a ser o Regimento n.º 3 o Regimento n.º 4 de Lisboa. Os Regimentos de Guarnição serão constituídos por 8 Companhias, 1 Bateria Montada de reserva e 1 de Montanha, isto em tempo de paz; e em tempo de guerra cada regimento será composto por 6 Companhias de Guarnição, 2 Baterias de Montanha e 4 Baterias Montadas de reserva. A Artilharia fica-

⁹⁴ Ordem do Exército n.º 25 de 2 de Julho de 1864.

⁹⁵ Em 1868 estas 10 Divisões foram reduzidas em 5 Divisões.

⁹⁶ Vide quadros 12.1 e 12.2, anexo A.

⁹⁷ Ordem do Exército n.º 25 de 2 de Julho de 1864.

va com 3200 homens em tempo de paz e com 5585 homens em tempo de guerra.⁹⁸ Como tínhamos dito, o número de bocas-de-fogo também aumentara, e para o Regimento n.º 1 eram atribuídas 32 em tempo de paz, e 48 em tempo de guerra. Nos Regimentos de Guarnição cada um teria 8 bocas-de-fogo em tempo de paz e 36 em tempo de guerra, ficando o Corpo de Artilharia com 48 bocas-de-fogo em pé de paz e 120 em tempo de guerra.

Esta reorganização não iria durar muito tempo e um ano depois, Luíz Maldonado d’Eça, que sucedeu Sá da Bandeira, reorganiza a Engenharia e a Artilharia⁹⁹. Nesta organização mantém-se o Regimento de Artilharia n.º 1, o de Campanha, e em Lisboa, e que será composto por 6 Baterias Montadas e de 2 Baterias de Montanha em tempo de paz. Caso o Governo ache conveniente, poderá substituir uma das Baterias Montadas por uma Bateria a cavalo. Em tempo de guerra ao Regimento é adicionado 2 Baterias Montadas de reserva de calibre *12 cm*¹⁰⁰, e 2 Baterias de Montanha. Em tempo de paz as Baterias Montadas seriam compostas de 4 bocas-de-fogo, e as Baterias de Montanha de 6 bocas-de-fogo, já em tempo de guerra as Baterias Montadas passavam a possuir 6 bocas-de-fogo, enquanto que as de Montanha teriam 8 bocas-de-fogo.

A Artilharia de Guarnição seria composta pelo Regimento de Artilharia n.º 2 no Porto, pelo Regimento de Artilharia n.º 3 em Lisboa, e pelas 2 Companhias de Guarnição nos Açores, denominadas por Companhia n.º 1 e n.º 2 com quartel na Ilha da Terceira e S. Miguel respectivamente. O Regimento n.º 2 será constituído por 8 Companhias e o n.º 3 por 10 Companhias, em tempo de paz. Em caso de guerra, 3 dessas Companhias serão substituídas por 3 Baterias Montadas, sendo 2 delas de calibre *8 cm* e 1 de reserva de *12 cm*. Na Madeira também havia uma força destacada, que seria rendida de 12 em 12 meses. O efectivo total do Corpo de Artilharia seria de 3210 homens em tempo de guerra e de 5688 homens em pé de guerra.¹⁰¹

Também foi ordenado que num “*dos regimentos de artilheria estacionados em Lisboa haverá uma escola para ensino do curso secundário theorico-pratico, aos officiaes inferiores dos corpos da arma...*”

Entretanto dá-se a 2.ª Revolução Industrial e o armamento entra em fase de inovação e evolução, entre os quais o material artilheiro. Fontes Pereira de Melo não quer que Portugal se atrase relativamente com a Europa, e então adquire essas inovações. A 1870 adquire a peça de montanha *AE/BEM 8 cm m/870*¹⁰²; em 1874 são adquiridas 6 Baterias *Kreiner 8 cm*, peça austríaca, de aço e estriada, que armou a Artilharia a cavalo e outras 6 Baterias de peças de montanha *Krupp AE 8 cm m/874*. Em 1875 começaram a adquirir peças de Campanha *Krupp AE 9 cm m/875*. Em 1878 o Arsenal do Exército fabrica a primeira peça estriada de retrocarga nacional, a *BEC 8 cm m/878*¹⁰³, baseada na *Krupp m/874*.¹⁰⁴

A vizinha Espanha cresce, e com ela o seu Exército, e volta a ser considerada perigo para Portugal, e devido ao crescer da Artilharia, já não seria necessário estar na capital para conseguir bombardear Lisboa, visto as peças começarem a ter alcances de 10000 m. Seria necessário melhorar as linhas

⁹⁸ Vide quadros 13.1 e 13.2, anexo A.

⁹⁹ Ordem do Exército n.º 68 de 18 de Dezembro de 1869.

¹⁰⁰ Vide figura 27, anexo C.

¹⁰¹ Vide quadros 14.1, 14.2 e 14.3, anexo A.

¹⁰² Bronze, estriada de montanha (BEM). Vide figura 28, anexo C.

¹⁰³ Bronze, estriada de campanha (BEC).

¹⁰⁴ BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal, Volume 3*, p. 375.

defensivas de Lisboa e então cria-se o Campo Entrincheirado de Lisboa em 1876. As linhas agora passavam a ser conjuntos de pontos fortificados com Artilharia de longo alcance.¹⁰⁵

Com a modernização da Artilharia, pode-se ler na Ordem do Exército n.º 14 de 7 de Maio de 1877 que a arma de Artilharia “...depois do ultimo período de evolução por que tem passado a arte da guerra, uma das mais poderosas, já pela acção táctica que desenvolve nos campos de batalha, já nas operações de sítio, torna-se por isso muito importante na composição dos exércitos modernos.”. Devido a essa importância a Artilharia volta a ser organizada.

Passaram a existir 2 Regimentos de Campanha, o n.º 1 em Lisboa, e o n.º 3 em Santarém. Em tempo de paz os 2 Regimentos de Campanha serão constituídos por 8 Baterias (6 Baterias com peças de aço e 2 Baterias com peças de bronze) com 6 bocas-de-fogo cada. Em tempo de guerra passam a ser constituídos por 12 Baterias. Quanto à Artilharia de Guarnição terá 1 Regimento em tempo de paz, o n.º 2 e em Lisboa, mas em pé de guerra, formar-se-á um outro Regimento de Guarnição, que passará a ser o n.º 4 e no Porto. O Regimento n.º 2 em tempo de paz será constituído por 8 Companhias e 2 Baterias de Montanha com 6 bocas-de-fogo cada; em guerra será o mesmo número de Companhias, mas as Baterias de Montanha passarão para o Regimento n.º 5, que será abordado posteriormente. O Regimento n.º 4 quando organizado, terá a mesma constituição que o Regimento n.º 2. Também se irão formar 4 Companhias de Guarnição, onde a Companhia n.º 1 será em Angra do Heroísmo; a n.º 2 em Ponta Delgada; a n.º 3 no Funchal; e a n.º 4 na praça de S. Julião da Barra. Aquando em tempo de guerra, é formado o então Regimento atrás referido, o n.º 5, que é um Regimento de Montanha e será constituído por 6 Baterias¹⁰⁶ com 8 bocas-de-fogo cada. Terá um efectivo de 39 homens e 19 cavalos no Estado Maior e Menor, as 6 Baterias terão 1050 homens, 54 cavalos e 288 muares, tendo assim o Regimento um efectivo total de 1089 homens, 73 cavalos e 288 muares. No total a Artilharia terá 3221 homens em tempo de paz e 8674 em tempo de guerra.¹⁰⁷

Porém, em 1878 criou-se a Brigada de Artilharia de Montanha¹⁰⁸, onde se reúnem as 2 Baterias de Montanha existentes no Regimento n.º 2; são adquiridas 48 peças de Campanha *Krupp AE 9 cm (MK) m/878*, uniformizando assim a Artilharia de Campanha. Em 1882 é fabricada em Portugal a *BEM 7 cm m/882*¹⁰⁹, estriada e em bronze, mas com culatra de aço, para completar as unidades de montanha, e em 1884 é fabricada a *BEC 12 cm m/884*. Para a Artilharia de Costa e de Sítio adquiriu-se equipamento alemão a partir de 1875, destacando-se a peça *28 cm Krupp*¹¹⁰ e *15 cm Krupp*.¹¹¹

Em 1884 Fontes Pereira de Melo reorganizou o Exército¹¹² devido à sua urgência, visto que com a evolução dos materiais, a estratégia e o campo de batalha se tinham alterado. Esta reorganização divide o território em 4 Divisões Militares com sede em Lisboa, Viseu, Porto e Évora, comandadas por um

¹⁰⁵ BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal, Volume 3*, p. 392.

¹⁰⁶ Como já foi dito anteriormente, 2 das Baterias são destacadas do Regimento de Artilharia n.º 2.

¹⁰⁷ Vide quadros 15.1, 15.2 e 15.3, anexo A.

¹⁰⁸ Ordem do Exército n.º 14 de 7 de Maio de 1878.

¹⁰⁹ Vide figura 29, anexo C.

¹¹⁰ Vide figura 30, anexo C.

¹¹¹ BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal, Volume 3*, pp. 394 à 398.

¹¹² Ordem do Exército n.º 20 de 31 de Outubro de 1884.

General de Divisão, e nas ilhas adjacentes criaram-se 4 Comandos Militares, sendo 1 na Madeira e 3 nos Açores comandados por um Coronel. Quanto à Artilharia compreendia o Comando Geral de Artilharia e o seu Estado Maior; o serviço de campanha; o de ataque e defesa das praças; o de guarnição; e o dos polígonos.

A Artilharia de Campanha terá 3 Regimentos de Artilharia Montada (n.º 1, 2 e 3) e 1 Brigada de Montanha. Cada Regimento será constituído por 10 Baterias activas e 2 de reserva¹¹³; a Brigada terá 2 Baterias activas e 4 de reserva. Quando as Baterias em reserva se mobilizarem, ou seja, quando for em tempo de guerra, a Brigada constituirá o Regimento n.º 6. Em tempo de paz cada Bateria dos Regimentos de Campanha terão 4 bocas-de-fogo e em guerra aumenta para 6 bocas-de-fogo. Quanto à Brigada de Montanha em tempo de paz terá 6 bocas-de-fogo em cada Bateria e em tempo de guerra terá 8 bocas-de-fogo por Bateria. A Artilharia de Guarnição terá 2 Regimentos (n.º 4 e 5), sendo constituídos por 8 Companhias activas e 4 de reserva; e de 4 Companhias de Guarnição (n.º 1, 2, 3 e 4).

Assim sendo o Corpo de Artilharia terá um efectivo de 1655 homens, 171 cavalos, mais os Soldados, cavalos e muares que o orçamento puder despende, e 132 bocas-de-fogo, isto em tempo de paz. Em pé de guerra terá um efectivo de 10175 homens, 1423 cavalos, 4266 muares e 264 bocas-de-fogo.¹¹⁴ A 30 de Outubro¹¹⁵ é ordenado que o Regimento n.º 2 terá o seu quartel em Torres Novas, onde destacará 2 Baterias para Faro, Almeida e Amarante; o Regimento n.º 4 em Lisboa; e o Regimento n.º 5 em Elvas.¹¹⁶ No ano a seguir os uniformes alteram, deixando o formato francês e sendo inspirado pelo prussiano. Os homens passam a utilizar o capacete de couro, os casacos e dólmenes mantêm o azul ferrete, mas as calças passam a ser em mescla escura.¹¹⁷

3.3 O Ultramar – A Artilharia de novo em Guerra

Portugal encontrava-se em grande crise económica devido às guerras civis que viveu e à escassez de recursos originada pela independência do Brasil. Para conseguir novos recursos Portugal olha para África como a sua “tábua de salvação”, o que leva a ocupar e definir fronteiras no Continente africano. Moçambique era a zona em que os portugueses tinham mais interesse em ocupar, mas a ocupação não apresentava facilidades, e naquelas zonas, já desde o início do século XIX, se vêm travando algumas acções contra as tribos africanas. Entre 1890 e 1907 foram enviadas 17 expedições com forças artilheiras, para a ocupação em África. A maior parte das expedições foram para Moçambique, onde ocorreram mais combates, devido a rebeldia das tribos daquelas zonas. As peças que a Artilharia mais utilizara foram as *BEM 7 cm m/882*, devido ao seu leve peso, mas também participou em combates que somente utilizara as metralhadoras *Nordenfeldt*¹¹⁸, as peças *Gruson 37 mm*¹¹⁹ e os canhões revólver

¹¹³ As Baterias de reserva aquando em pé de guerra serão mobilizadas, passando a estar no activo.

¹¹⁴ Vide quadros 16.1 e 16.2, anexo A.

¹¹⁵ Ordem do Exército n.º 21 de 3 de Novembro de 1884.

¹¹⁶ Vide quadro 17, anexo A, para ver as localidades de todas as Unidades de Artilharia.

¹¹⁷ Ordem do Exército n.º 15 de 5 de Outubro de 1885. Vide figura 10, anexo B.

¹¹⁸ Vide figura 52, anexo E.

¹¹⁹ Vide figura 53, anexo E.

*Hotchkiss*¹²⁰. Também foram destacadas forças artilheiras para a Índia, também devido a alguns conflitos com as tribos, bem como para a Guiné. Já em Angola, o cenário era um pouco agravante, mas mesmo assim só fora uma expedição com forças artilheiras. Também foram forças para Macau, mas devido a problemas vindos da China.¹²¹

Durante os combates em África, no Reino há alterações no Exército. Em 1892 há a necessidade de alterar ligeiramente os uniformes devido às forças da metrópole nas campanhas em África, exigindo um uniforme mais cómodo e adequado ao combate e clima. As calças seriam de mescla azul claro e o capote em mescla azul escuro com duas fileiras de botões.¹²² Em 1899¹²³ o Exército é reorganizado numa forma bastante completa, como poderemos ver de seguida: existiam 4 Divisões de tropas activas, tropas de Artilharia independentes das Divisões e tropas de reserva. Cada Divisão tinha que ter um Regimento de Artilharia de Campanha a 8 Baterias; as tropas independentes compreenderiam dois Grupos de 2 Baterias, sendo um de Artilharia de Montanha e outro a Cavalos, e 2 Regimentos de Artilharia de Guarnição a 2 Batalhões. Nas ilhas havia 3 Companhias de Artilharia de Guarnição. Quanto às tropas de reserva, compreenderiam 4 Grupos de Artilharia de Campanha a 4 Baterias, e 2 Batalhões de Artilharia de Guarnição a 4 Companhias, isto no continente, e nas ilhas seriam 3 Companhias de Artilharia de Guarnição. Aqui viu-se a evolução do Exército a nível orgânico. Estudemos agora a orgânica dentro do Corpo de Artilharia.

Artilharia de Campanha: Haverá 4 Regimentos de Campanha numerados de 1 a 4, onde cada um terá 8 Baterias e 1 Bateria de Depósito. Em tempo de guerra as Baterias formam 2 Grupos, onde cada Grupo será constituído por 4 Baterias, terá o seu próprio Estado Maior e Menor, e é comandado por um Major. É ainda mobilizado 1 Grupo de Campanha a cada Regimento. Esse Grupo mobilizado, em tempo de paz encontra-se em estado de reserva, é constituído por 4 Baterias e os seus serviços serão desempenhados pela Bateria de Depósito do respectivo Regimento. Aquando no pé de guerra é então mobilizado como já foi dito, o Estado Maior e Menor tem o mesmo efectivo de um Grupo do Regimento e cada Bateria tem o mesmo efectivo que uma Bateria do Regimento. Assim sendo, quando se está em estado de guerra o Regimento passará a 3 Grupos de Artilharia de Campanha. Em tempo de paz cada Bateria terá 4 bocas-de-fogo e em tempo de guerra terá 6 bocas-de-fogo.

Artilharia de Guarnição: Haverá 2 Regimentos de Artilharia de Guarnição com os números 5 e 6, onde cada Regimento será constituído por 8 Companhias activas e 1 Companhia de Depósito. Também existirá 3 Companhias de Guarnição nas ilhas com o mesmo efectivo que uma Companhia de um Regimento. Como na Campanha, aquando em tempo de guerra, as Companhias formam 2 Batalhões de 4 Companhias cada, comandadas também elas por Majores. É mobilizado, como na Campanha, 1 Batalhão de reserva a cada Regimento. Quanto ao efectivo em pé de guerra, e ao serviço em tempo de paz dos Batalhões de reserva, é seguida a mesma ordem lógica que os Grupos de reserva de Campa-

¹²⁰ Vide figuras 54 e 55, anexo E.

¹²¹ Vide artigo 1, anexo J.

¹²² Ordem do Exército n.º 25 de 12 de Setembro de 1892. Vide figura 11, anexo B.

¹²³ Ordem do Exército n.º 10 de 11 de Setembro de 1899.

nha. Também existirá 3 Companhias de Guarnição de Reserva que, em pé de guerra, cada Companhia será mobilizada para 1 Companhia activa e terá o mesmo efectivo que uma Companhia activa.

Artilharia a Cavallo e de Montanha: Haverá 1 Grupo a Cavallo e 1 de Montanha com 2 Baterias cada um. Em pé de paz cada Bateria a Cavallo possuirá 4 bocas-de-fogo, enquanto cada Bateria de Montanha terá 4 bocas-de-fogo; em pé de guerra cada Bateria a Cavallo terá 6 bocas-de-fogo e cada Bateria de Montanha terá 6 bocas-de-fogo.

Assim sendo, o Corpo de Artilharia teria um efectivo de 4717 homens, 762 cavalos, 1108 muares e 144 bocas-de-fogo em tempo de paz, e um efectivo de 14334 homens, 2123 cavalos, 6334 muares e 312 bocas-de-fogo em pé de guerra.¹²⁴

Em Junho de 1900 muda novamente de ministro da guerra, passando a ser o General Pimentel Pinto e com ele veio uma nova reorganização a 1901¹²⁵ não com o intuito de reorganizar tudo, mas sim *“... o de modificar apenas aquelas disposições que a experiencia mostrou já não corresponderem ao critério que as inspirou e introduzindo disposições tendentes a dar satisfação às indicações dos commandos superiores e chefes dos differentes serviços militares, às reclamações justas dos povos, aos princípios da moderna sciencia da guerra e aos ensinamentos da história.”*¹²⁶. Então veremos como ficou organizada a Artilharia:

Artilharia Montada: Passará a ser constituída por 6 Regimentos, numerados de 1 a 6, com 2 Grupos, sendo cada Grupo constituído por 3 Baterias activas. Em cada Regimento haverá uma Bateria de obuses de Campanha. Quanto ao Regimento n.º 6 ainda não vai ser criado, ficando um Grupo no Regimento n.º 1 e o outro ficará independente. Em tempo de paz cada Bateria terá 4 bocas-de-fogo e em tempo de guerra terá 6 bocas-de-fogo.

Artilharia de Guarnição: A Artilharia de Guarnição terá o mesmo dispositivo que foi ordenado uns dias antes desta reorganização¹²⁷ que é o seguinte: os antigos Regimentos de Guarnição n.º 5 e n.º 6 são dissolvidos e formar-se-ão 6 Grupos de Artilharia de Guarnição, numerados de 1 a 6, a 3 Baterias em pé de paz, e a 4 Baterias em pé de guerra. As Companhias nas ilhas passam a denominar-se Baterias, e passam a ser 4.

Artilharia a Cavallo e de Montanha

Haverá 1 Grupo a Cavallo e outro de Montanha, tendo cada um 2 Baterias e em termos de bocas-de-fogo é o mesmo que foi ordenado para a Artilharia a Cavallo e de Montanha na reorganização em 1899, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra.

O Corpo de Artilharia ficaria com um efectivo de 5590 homens, 744 cavalos e 814 muares em tempo de paz, e com 12402 homens, 1724 cavalos e 4434 muares em tempo de guerra.¹²⁸

¹²⁴ Vide quadros 18.1, 18.2, 18.3, 19.1 e 19.2, anexo A.

¹²⁵ Ordem do Exército n.º 22, 1.ª série, de 28 de Dezembro de 1901.

¹²⁶ Ordem do Exército n.º 15, 1.ª série, de 26 de Outubro de 1901.

¹²⁷ Ordem do Exército n.º 18, 1.ª série, de 2 de Dezembro de 1901.

¹²⁸ Vide quadros 20.1, 20.2, 20.3 e 21, anexo A.

Capítulo IV

A Artilharia da República e a sua envolvente na 1.ª Guerra Mundial

4.1 A 1.ª Reorganização Republicana

Devido ao estado que estava Portugal, havia muitas exaltações contra o Governo e a Monarquia, e na madrugada de 3 para 4 de Outubro de 1910 uma revolução nascia em Lisboa. O Regimento de Artilharia n.º 1 esteve empenhado nesta revolta, onde tinha o maior núcleo de aderentes à revolução. No quartel do Regimento de Artilharia n.º 1 foram disparados alguns tiros de peça para dar o alerta às outras Unidades, e passado algum tempo chega o Regimento de Infantaria n.º 16, e mais alguns civis aderentes à revolta, e partem até à *Rotunda*¹²⁹, onde é montado o dispositivo de defesa com 8 peças de Artilharia. Do lado dos monárquicos, encontrava-se no Quartel-general no Rossio, 1 Bateria do Grupo de Artilharia a Cavalos de Queluz com 4 peças. Foi um confronto artilheiro onde os revolucionários venceram. Entretanto as forças navais revolucionárias chegam e atacam, do rio Tejo, as forças do lado do rei. Sendo assim, os fiéis à Monarquia avançam em direcção dos revolucionários, mas as peças da Artilharia n.º 1 e o forte tiroteio não deram hipóteses. A vitória dos republicanos começou a ser desenhada quando a Marinha desembarca no Terreiro do Paço, e com o fogo da Artilharia acabaram com a Monarquia, e a 5 de Outubro de 1910 é proclamada a República Portuguesa.¹³⁰

Após a implantação da República, houve muitas mudanças no país e uma delas foi o Exército em 1911¹³¹ que tem assim a sua 1.ª reorganização no pós 5 de Outubro. Esta reorganização veio alterar por completo o dispositivo que ainda muito tem do século XIX. A Artilharia ficava assim dividida “...em duas grandes especialidades: artilharia de campanha e artilharia a pé, compreendendo esta última a artilharia de guarnição, a artilharia de costa e a artilharia *technica*”¹³². As armas tinham forças em 3 escalões: as tropas activas que constituíam a 1.ª linha e estavam aptas para entrar rapidamente em acção; as tropas de reserva fazem a 2.ª linha do Exército e são destinadas a reforçar o Exército de campanha e as guarnições do Campo Entrincheirado de Lisboa; e por fim, as tropas territoriais, pertencendo à 3.ª linha e destinadas à defesa das localidades, trabalhos de passagem ao estado de defesa dos pontos fortificados e outras missões mais sedentárias.

Descriminando a organização, as tropas activas compreendem:

- 8 Divisões, tendo cada Divisão, em termos de Artilharia, 1 Regimento Montado a 2 ou 3 Grupos de Baterias;
- E além das outras armas e serviços:
 - 2 Regimentos de Artilharia de Montanha a 3 Grupos de 2 Baterias;
 - 1 Grupo de 2 Baterias a Cavalos;

¹²⁹ Actual Praça do Marquês de Pombal.

¹³⁰ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume II*, pp. 64 à 79.

¹³¹ Ordem do Exército n.º 11, 1.ª série, de 26 de Maio de 1911.

¹³² O Arsenal do Exército.

- 2 Grupos de 3 Baterias de Obuses;
- 3 Baterias de Montanha, independentes;
- e forças de Engenharia e Artilharia do Campo Entrincheirado de Lisboa.

Quanto às tropas de reserva serão constituídas em termos de Artilharia por 8 Grupos de Artilharia Montada; 3 Secções de reserva de Guarnição; e 3 Secções de reserva de Costa. As tropas territoriais são constituídas por Batalhões. Discriminemos agora a Artilharia.

Artilharia de Campanha: terá a Escola de Tiro da Artilharia de Campanha (ETAC) em Vendas Novas e nas tropas activas haverá 8 Regimentos de Artilharia Montada, sendo 5 Regimentos constituídos por 3 Grupos e destinados respectivamente à 1.^a Divisão Territorial em Lisboa, à 3.^a no Porto, 4.^a em Évora, 5.^a em Coimbra, e 8.^a em Braga; e os outros 3 Regimentos são compostos por 2 Grupos, destinados à 2.^a Divisão Territorial em Viseu, 6.^a em Vila Real, e a 7.^a em Tomar. Cada Grupo é constituído por 3 Baterias. Compreende também 2 Regimentos de Artilharia de Montanha com 3 Grupos, sendo cada Grupo constituído por 2 Baterias; 1 Grupo a Cavalos constituído por 2 Baterias; 2 Grupos de Baterias de obuses de Campanha constituídos por 3 Baterias cada; e 3 Baterias de Artilharia de Montanha independentes. Os Regimentos de 3 Grupos terão provisoriamente 2 Grupos equipados com peças *7,5 cm T.R. m/904*¹³³, e 1 Grupo equipado com a peças *Krupp AE 9 cm m/875*. Quanto aos Regimentos só com 2 Grupos, um fica com material *7,5 T.R.* e o outro Grupo com o *9 cm m/875*. Os Regimentos de Montanha seriam equipados com peças *7 cm M.T.R. m/906*¹³⁴; o Grupo a Cavalos com peças *7,5 cm T.A. m/900*¹³⁵. As tropas de reserva compreendiam 8 Grupos de Baterias Montadas, destinados a cada Regimento Montado, e quando mobilizados terão um Estado Maior e Menor de 7 homens e 2 cavalos e as Baterias terão o mesmo efectivo que uma Bateria de um Regimento Montado.

Artilharia de Guarnição: Compreendia a Escola de Tiro de Artilharia de Guarnição; e as tropas activas e de reserva: 1 Batalhão de Artilharia de Guarnição com 6 Companhias cada, pertencente ao sector Norte do Campo Entrincheirado de Lisboa; 1 Grupo de 2 Companhias para o sector Sul do Campo Entrincheirado de Lisboa; e 1 Bateria de Artilharia de Posição destinada à defesa móvel do sector Sul da defesa marítima do Campo Entrincheirado de Lisboa. Quanto às forças de reserva serão 2 Secções atribuídas ao Batalhão de Guarnição e uma Secção ao Grupo de Guarnição e quando mobilizadas organizarão as secções de munições para a Artilharia de Posição. Cada Companhia terá 4 peças *15 cm P. m/878*¹³⁶ e 4 peças *Krupp AE 9 cm m/875*. A Bateria de Posição terá 4 obuses *15 cm P.T.R. m/901*¹³⁷.

Artilharia de Costa:

Será composta pelo Curso de Tiro de Artilharia de Costa; e pelas suas forças activas e de reservas: 2 Batalhões com 7 Companhias cada e destinados às fortificações do porto de Lisboa; 1 Grupo independente com 2 Companhias onde é destinado a guarnecer as fortificações ainda em construção da foz do Sado; e 1 Companhia de Especialistas, onde têm inseridos telegrafistas e electricistas, e está

¹³³ Tiro Rápido (T.R.). Peça francesa que entrou em serviço em 1904. Vide figura 31, anexo C.

¹³⁴ Montanha, tiro rápido (M.T.R.). Peça francesa que entrou em serviço em 1906. Vide figura 32, anexo C.

¹³⁵ Tiro acelerado (T. A.). Peça alemã que entrou em serviço em 1900.

¹³⁶ Posição (P.).

¹³⁷ Posição, tiro rápido (P.T.R.).

atribuída a um Batalhão. Quanto às tropas de reserva é o mesmo princípio que a reserva da Artilharia de Guarnição, 2 Secções de Costa atribuídas aos 2 Batalhões e 1 Secção destinada ao Grupo. Em termos de equipamento, o 1.º Batalhão de Costa possuirá obuses 28 cm C. m/902¹³⁸, peças 15 cm C.T.R. m/897¹³⁹ e m/902, e as peças 15 cm C. m/878; e no 2.º Batalhão havia peças 7,5 cm C.T.R.¹⁴⁰

Esta seria a nova disposição da Artilharia, muito diferente das anteriores, e era uma Artilharia mais objectiva.¹⁴¹ Também, naturalmente, modificou o uniforme, deixando de ser azul e passando para cinzento, e também deixou-se de utilizar o capacete de couro em detrimento do barrete cilíndrico.¹⁴²

4.2 A Artilharia na defesa das Colónias e na 1.ª Guerra Mundial

As primeiras hostilidades na 1.ª Guerra Mundial tiveram primeiramente no continente africano, com os alemães a invadirem as colónias francesas e inglesas, e como a Alemanha sempre teve o ensejo de se apoderar das colónias portuguesas, então, a 24 de Agosto de 1914, ataca o Norte de Moçambique, sem ter havido uma declaração formal de guerra entre Portugal e Alemanha.¹⁴³ Devido ao início da guerra é criado 1 Regimento de Artilharia de Montanha¹⁴⁴ constituído com 6 Baterias, e em Setembro partem as 1.ªs expedições para Moçambique e Angola com o intuito de reforçar a defesa das mesmas, e não para atacar os alemães, visto Portugal querer manter-se neutro¹⁴⁵.

Em Dezembro começa-se a organizar a Divisão Auxiliar¹⁴⁶, para que o país tivesse uma força preparada para um possível envolvimento, constituída por forças da 1.ª e 7.ª Divisão Territorial (Lisboa e Tomar), onde teria, em termos quantitativos de Artilharia, o 1.º Grupo dos Regimentos de Artilharia n.º 1, n.º 2, e n.º 8; a 1.ª e 2.ª Bateria do Regimento n.º 3; a 1.ª Bateria do Regimento de Artilharia n.º 5; e a Bateria de Artilharia de Posição. Esta força seria reunida em Tancos e mais tarde passou a denominar-se de Divisão de Instrução.

Portugal tentava-se manter neutro na guerra, mas a Inglaterra pedia constantemente para Portugal se juntar aos aliados e auxiliá-los, evocando a antiga aliança. Porém, em 1916, os ingleses pediram que Portugal lhes fornecesse navios, e então, Portugal apreende e ocupa navios alemães e austríacos. Após esse acontecimento, a Alemanha declara guerra a Portugal,¹⁴⁷ que assim entrava no conflito e surgia uma urgente necessidade de preparar o Exército, começando de imediato com os treinos em Tancos. Em Junho, os ingleses convidavam Portugal para tomar parte activa nas operações militares ao lado dos aliados, e em Agosto, quando findava os treinos em Tancos, oficiais ingleses e franceses vão a Tancos para estudar o emprego dessa força portuguesa no teatro de operações, o que resultou em

¹³⁸ Costa (C.).

¹³⁹ Costa, tiro rápido (C.T.R.).

¹⁴⁰ Vide figuras 33 e 34, anexo C.

¹⁴¹ Vide quadros do 22.1 ao 22.4, e 23, anexo A.

¹⁴² Ordem do Exército n.º 16, 1.ª série, de 9 de Agosto de 1911. Vide figuras 12 e 13, anexo B.

¹⁴³ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume II*, pp. 169 e 170.

¹⁴⁴ Ordem do Exército, n.º 5, 1.ª série, de 20 de Junho de 1914. Era o Grupo de Artilharia de Montanha em Portalegre.

¹⁴⁵ Vide artigo 2, anexo J, para ver as expedições artilheiras nas colónias.

¹⁴⁶ Ordem do Exército n.º 29, 1.ª série, de 7 de Dezembro de 1914.

¹⁴⁷ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 50 e 51.

duas propostas: a Inglaterra propunha que as forças portuguesas a serem enviadas ficassem às suas ordens e que iriam receber uma instrução complementar antes de entrarem no campo de batalha; já os franceses pediam que fossem enviadas tropas artilheiras para guarnecerem 20 a 30 Baterias Pesadas francesas. Com estas propostas foram assim criadas: o Corpo Expedicionário Português (CEP) destinado aos ingleses; e o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI) destinado aos franceses.¹⁴⁸ O CEP foi constituído pela força da Divisão de Instrução de Tancos e o CAPI pelo pessoal de Artilharia do Campo Entrincheirado de Lisboa, bem como o Corpo de Artilharia Pesada (CAP), agregado ao CEP.

Em Janeiro de 1917 embarcam as primeiras forças do CEP rumo a França. A constituição do CEP em termos de Artilharia seria o seguinte¹⁴⁹: pertencente às 2 Divisões (6 Grupos Montados com peças 7,5 cm T.R.; 2 Grupos de Obuses de Campanha); Tropas não divisionárias (1 Grupo a 2 Baterias de Obuses de Campanha; e o CAP com 10 Baterias).

Quando o CEP chegou a França, houve modificações a nível orgânico para uniformizar com a organização inglesa. Foram dissolvidos os Grupos de 7,5 cm e de Obuses e formavam 6 Grupos de Baterias de Artilharia (GBA) tendo cada um 3 Baterias de peças 7,5 cm¹⁵⁰ e uma Bateria de Obuses de 11,4 cm¹⁵¹. Os 6 GBA pertenciam aos Regimentos Montados, sendo distribuídos da seguinte forma: o Regimento n.º 2 formava o 1.º GBA; o n.º 7 o 2.º GBA; o n.º 8 o 3.º GBA; o n.º 3 o 4.º GBA; e o n.º 1 formava o 5.º e 6.º GBA. Cada GBA tinha 844 homens. Quanto ao CAP, foi constituído por 2 Grupos com 3 Baterias de Obuses cada. A 1.ª Bateria era de 9,2”; a 2.ª de 8”; e a 3.ª de 6” (libras).¹⁵²

Em Maio de 1917 desloca-se para França o CAPI que era constituído por 3 Grupos Mistos a 3 Baterias cada, sendo uma de 32 cm e 2 de 19 cm ou de 24 cm; e 1 Bateria de Depósito. Tinha um efectivo total de 70 Oficiais e de 1258 praças.¹⁵³

A 2.ª Divisão chegava a França em Novembro de 1917, ficando assim o CEP com toda a sua força reunida. O CEP pertencia ao 1.º Exército Britânico que se encontrava entre Armentières e Gravelles, e o sector português seria na Flandres, localizado no troço médio do rio Lys, com uma frente inicial de 14 km, passando depois para 11 km. As 1.ª, 4.ª e 5.ª GBA pertenciam à 1.ª Divisão e as restantes à 2.ª Divisão. Os 2 Grupos do CAP chegaram mais tarde: o 1.º em Janeiro de 1918 e o 2.º em Março de 1918.¹⁵⁴

No CAPI, o segundo contingente chegava em Janeiro de 1918, e tiveram instrução com material francês.¹⁵⁵ Porém, quando parecia que o CAPI ia ser empregue no campo de batalha, eis que as ordens foram outras e o CAPI ia ser incorporado no CEP, para reforçar o CAP. A sua deslocação para reforçar o CAP fora interrompida devido a um ataque germânico, onde o 1.º Grupo ficou a auxiliar o Exército francês e o restante rumou a Havre para ter instrução do material inglês. Do Grupo que ficou a auxiliar os franceses, a 2.ª e 3.ª Bateria viram-se fortemente empenhadas contra os alemães, a 18 de Maio, e a

¹⁴⁸ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, pp. 519 e 520.

¹⁴⁹ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 61 e 322.

¹⁵⁰ Peça *Schneider-Canet 7,5 cm T.R. m/917* de origem francesa. Vide figura 61, anexo G.

¹⁵¹ Obus *11,4 cm T.R. m/917 (British 4.5" Howitzer)* de origem inglesa. Vide figura 62, anexo G.

¹⁵² EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, p. 72.

¹⁵³ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, p. 536.

¹⁵⁴ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 79 à 83.

¹⁵⁵ Vide figura 63, anexo G.

1.^a Bateria, a 27 de Maio, também esteve bastante bem empenhada. Foi somente este o empenhamento do CAPI. Os franceses fizeram pouco uso deles, porque, entretanto, já tinham chegado forças americanas.¹⁵⁶

Quanto ao empenhamento do CEP, até à Batalha de La Lys, esteve num sector calmo, a efectuar alguns *raids* e a defender de poucos ataques alemães. Nessas acções, a Artilharia esteve empenhada principalmente a fazer fogo de barragens e acções de contra-bateria, até que chega Abril de 1918. As tropas portuguesas estavam desgastadas, cansadas e moralmente em baixo, pois nunca eram rendidas. Então há mudanças na organização portuguesa, e quem fica na linha da frente será a 2.^a Divisão reforçada com uma Brigada. Em termos de Artilharia ficavam empenhados o 1.^o GBA com 696 homens, o 2.^o GBA com 742 homens, o 5.^o GBA com 746 homens, e o 6.^o GBA com 657 homens. Ao todo havia 12 Baterias de 7,5 *cm* com 6 peças cada, e de 4 Baterias de Obuses de 11,4 *cm* com 4 obuses cada Bateria, fazendo um total de 88 bocas-de-fogo. Quanto à Artilharia Pesada estava a ser utilizada pelos ingleses, devido a uma frente em que os alemães estavam a atacar ferozmente.¹⁵⁷

Depois desta batalha, o CEP ficou muito reduzido, perdendo cerca de um terço do seu efectivo. As forças que ficaram na retaguarda, algumas começaram a auxiliar os ingleses nas frentes, e a 12 de Abril o 4.^o GBA coopera com a Artilharia inglesa e mais tarde segue também o 1.^o GBA. As restantes forças estiveram empenhadas em trabalhos das suas especialidades. Mais tarde, com a mudança do Comandante do CEP, o General Garcia Rosado fez força para que o CEP fosse outra vez organizado, e a 11 de Novembro de 1918 isso acontece, sendo constituído por 3 Brigadas, onde estavam incorporados o 3.^o e 4.^o GBA e parte do 6.^o GBA. E assim Portugal continua a combater ao lado dos Aliados até à Conferencia da Paz que tem início a 18 de Janeiro de 1919 em Paris.¹⁵⁸

Durante a guerra houve alterações nas unidades artilheiras, onde, em 1916¹⁵⁹, fora mandado organizar o 1.^o Batalhão de Obuses de Campanha, acoplado ao Regimento de Artilharia n.^o 6, e o 2.^o Batalhão de Obuses de Campanha, acoplado ao Regimento de Artilharia n.^o 5, tendo cada Batalhão 2 Grupos, e cada Grupo com 2 Baterias. Cada Batalhão teria 72 homens¹⁶⁰ e 51 cavalos. Em 1917¹⁶¹ estes 2 Batalhões juntam-se e formam o Regimento de Obuses de Campanha, com sede em Castelo Branco, tendo um efectivo de 155 homens¹⁶² e de 118 cavalos. Em 1918¹⁶³ o Regimento de Artilharia n.^o 1 passou a ter a sua sede em Alcobaça.

¹⁵⁶ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, pp. 536 à 538.

¹⁵⁷ HENRIQUES, Mendo Castro & LEITÃO, António Rosas, *La Lys – 1918 – Os Soldados desconhecidos*, pp. 21 à 23, 53, 56 e 95.

¹⁵⁸ MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, pp. 532 à 535.

¹⁵⁹ Ordem do Exército n.^o 23, 1.^a série, de 30 de Novembro de 1916.

¹⁶⁰ Mais os Soldados, Serventes e Condutores que do orçamento se puder despende.

¹⁶¹ Ordem do Exército n.^o 4, 1.^a série, de 30 de Março de 1917.

¹⁶² Mais os Soldados, Serventes e Condutores que do orçamento se puder despende.

¹⁶³ Ordem do Exército n.^o 7, 1.^a série, de 15 de Junho de 1918.

Capítulo V

A Artilharia do Exército do Estado Novo

5.1 A Ditadura Militar e o Estado Novo

O pós-guerra trouxe ao país bastantes dívidas, o que influenciou uma grande desorganização económica e financeira acoplada com a elevada inflação e aumento do custo de vida. Devido a essa instabilidade dá-se um Golpe de Estado a 28 de Maio de 1926, tirando a República do poder e instaurando a Ditadura Militar.¹⁶⁴ Enquanto foi preparado o golpe de Estado, também tinha sido elaborado um plano de organização do Exército, que foi aplicado logo a 7 de Julho de 1926¹⁶⁵, em que diz ser “...bastante diferenciadas das do suíço, cuja organização militar principalmente serviu de modelo ao decreto de 1911...”, e que foi adoptado por “um sistema mixto, aproximando-se um pouco do tipo inglês e, nalguns pontos, buscando na nova organização do exército francês a inspiração da doutrina...”. O país seria dividido em 4 regiões (I – Porto; II – Coimbra; III – Tomar; IV – Évora), e teria um Governo Militar, com sede em Lisboa, unindo o Governo do Campo Entrincheirado de Lisboa, com o Comando da 1.ª Divisão; nas Ilhas passam a denominar-se de Governos Militares dos Açores e da Madeira.

Quanto à Artilharia são criadas Unidades de Artilharia Pesada e Super-pesada, os Trens Hipomóvel “...à semelhança do que se pratica no exército francês...”, destinados a formar condutores, e a criação de Baterias Anti-aéreas nos Regimentos de Artilharia.

Então assim sendo a Artilharia será constituída pela: Escola Prática de Artilharia (EPA)¹⁶⁶, em Vendas Novas mais o Campo de Tiro em Alcochete; e as tropas artilheiras, sendo constituídas pela Artilharia Ligeira; Artilharia Pesada; Artilharia Super-pesada; Artilharia de Costa; Trem Hipomóvel.

Antes de entrar em maior pormenor nesta reorganização, há que referir alterações efectuadas, ainda em 1921¹⁶⁷, nas Unidades artilheiras: o Regimento de Artilharia n.º 1 passou a ser em Évora; no Regimento n.º 2 o 2.º Grupo passou a ser em Leiria, e o 3.º Grupo em Coimbra; o 1.º Batalhão de Artilharia de Costa passou para a Trafaria; e o Batalhão de Artilharia de Posição do Campo Entrincheirado de Lisboa passou a ter a sua sede em Caxias.

De volta à reorganização da Ditadura Militar, situados nas tropas artilheiras:

Artilharia Ligeira: 5 Regimentos destinados ao recrutamento, constituídos por todas as especialidades de Artilharia Ligeira e por Baterias Contra Aeronaves, numerados de 1 a 5; 3 Grupos Mistos Independentes de Artilharia com 4 Baterias cada, onde 2 Baterias são de peças e as outras 2 de obuses; 1 Grupo de Artilharia a Cavalos a 3 Baterias; 3 Grupos de Artilharia de Montanha com 3 Baterias cada.

¹⁶⁴ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume II*.

¹⁶⁵ Ordem do Exército n.º 8, 1.ª série, de 12 Julho de 1926. A reorganização foi mandada executar na Ordem do Exército n.º 10, 1.ª série, de 21 de Agosto de 1926.

¹⁶⁶ Ainda denominada por Escola de Tiro de Artilharia de Campanha, sendo alterada a sua denominação para Escola Prática de Artilharia na Ordem do Exército n.º 10, 1.ª série, de 21 de Agosto de 1926.

¹⁶⁷ Ordem do Exército n.º 5, 1.ª série, de 7 de Maio de 1921.

Artilharia Pesada: 2 Regimentos destinados ao recrutamento, constituídos por todas as especialidades de Artilharia Pesada, numerados de n.º 6 e 7; Baterias de Morteiros Pesados (de trincheira).

Artilharia Super-pesada: Regimento de Artilharia n.º 8.

Artilharia de Costa e de Posição: 2 Batalhões de Artilharia de Costa; 1 Grupo de Artilharia de Costa para instalações fixas; 4 Baterias de Artilharia de Costa para a defesa móvel; 1 Companhia de Especialistas.

Trem Hipomóvel: 5 Grupos de Trem Hipomóvel com 2 Companhias cada, sendo o Grupo n.º 1 no Porto¹⁶⁸, o n.º 2 em Coimbra, o n.º 3 no Entroncamento, o n.º 4 em Évora, e o n.º 5 em Lisboa.

Em termos de efectivos na Ordem do Exército não vêm esclarecidos, só têm os efectivos dos Oficiais, e que a Artilharia teria um efectivo total de 144 Oficiais.¹⁶⁹

A esta reorganização, em apenas um ano, houve alterações, sendo as primeiras alterações a 8 de Março de 1927¹⁷⁰ com a extinção do Regimento n.º 2 e o Grupo de Artilharia de Montanha n.º 2, e mais tarde, em Junho¹⁷¹, há uma alteração brusca devido à “*necessidade de realizar economias no orçamento do Ministério da Guerra*”. Assim sendo a Artilharia iria compreender: Escola Prática de Artilharia; e as tropas artilheiras constituídas por: Artilharia Ligeira; Artilharia Pesada; Artilharia de Costa; Trem Hipomóvel.

Artilharia Ligeira: 5 Regimentos destinados ao recrutamento, constituídos por todas as especialidades de Artilharia Ligeira, e inclui Baterias Contra Aeronaves, secções de escuta e de referenciação. Cada Regimento terá 1 Bateria de Tiro e 1 Bateria de Depósito; 3 Grupos Mistos Independentes de Artilharia Montada com 4 Baterias cada, onde 2 Baterias são de peças e as outras 2 de obuses¹⁷²; 2 Grupos de Artilharia a Cavalo com 2 Baterias cada Grupo; 3 Grupos Independentes de Artilharia de Montanha com 4 Baterias cada Grupo¹⁷³.

Artilharia Pesada: 3 Regimentos destinados ao recrutamento¹⁷⁴, onde terão 1 Bateria de Depósito, 1 Bateria Permanente e outra de recrutas; Baterias de Morteiros Pesados (de trincheiras).

Artilharia de Costa: 2 Regimentos de Artilharia de Costa, sendo o n.º 1 com 3 Grupos, onde o 1.º Grupo terá 3 Baterias e os outros 2 Grupos terão 2 Baterias; o Regimento n.º 2 terá 2 Grupos com 3 Baterias cada. 1 Grupo de Defesa Submarina de Costa constituído por 3 Companhias e 1 Secção de Marinha; 1 Grupo de Especialistas a 2 Companhias; 1 Grupo Independente de Artilharia de Costa que será composto pelas Baterias destinadas à defesa da barra e do porto de Setúbal; 3 Baterias de Artilharia de Defesa Móvel de Costa.

Trem Hipomóvel: 3 Companhias.

A Artilharia terá 471 Oficiais e 509 Sargentos nas Unidades, e quanto ao efectivo de Cabos e Soldados de cada Unidade será o que for necessitado, não havendo um efectivo fixo.¹⁷⁵

¹⁶⁸ Esteve provisoriamente na Póvoa de Varzim.

¹⁶⁹ Vide quadros 24.1, 24.2 e 24.3, anexo A.

¹⁷⁰ Ordem do Exército n.º 5, 1.ª série, de 16 de Maio de 1927.

¹⁷¹ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 30 de Junho de 1927.

¹⁷² Provisoriamente só seria uma Bateria de obuses.

¹⁷³ Provisoriamente só seriam 2 Grupos com 3 Baterias cada.

¹⁷⁴ Serão provisoriamente 3 Grupos Independentes de Artilharia Pesada.

¹⁷⁵ Vide quadros 25, 26.1 e 26.2, anexo A.

Em 1931 é criada a Frente Marítima da Defesa de Lisboa (FMDL)¹⁷⁶, onde terá a Escola e Aplicação de Artilharia de Costa e Contra-aeronaves, e tropas de Artilharia de Costa. A Escola terá a sua sede em Paço de Arcos. Quanto às tropas da Artilharia de Costa, as que têm sede na área do Governo Militar de Lisboa passam a ficar subordinadas à FMDL, e é criado 1 Grupo de Defesa Móvel de Costa que sucede ao Grupo Independente de Artilharia Pesada n.º 3, conservando a mesma sede e organização¹⁷⁷. Mais alterações na Artilharia de Costa agora só nas Ilhas, tendo sido criado 1 Bateria Mista de Artilharia de Costa em Ponta Delgada, sucedendo à Bateria de Defesa Móvel de Costa n.º 2, onde terá uma Secção para guarnecer as peças 17,7 cm de Costa e outra para o serviço do material que for utilizado na defesa móvel; e a Bateria de Artilharia de Defesa Móvel de Costa n.º 3 no Funchal passará para n.º 2. Mas esta disposição nas Ilhas será por pouco tempo, porque em Abril de 1931¹⁷⁸ extinguem-se as Baterias de Defesa Móvel e Mistas; e em Junho desse mesmo ano é mandado formar 2 Baterias de Salva com 4 peças 9 cm m/75 e m/78 cada, sendo uma Bateria em Ponta Delgada e outra no Funchal. Cada Bateria seria constituída por 2 Oficiais, 3 Sargentos e 19 Praças; outras 2 Baterias de Salva foram ordenadas¹⁷⁹ formar na Horta e em Angra do Heroísmo, onde cada Bateria teria 4 peças de 8 cm m/74 e m/78. Assim a denominação e localização passavam a ser as seguintes: 1.ª Bateria de Artilharia de Salvas na Horta; a 2.ª Bateria em Angra do Heroísmo; a 3.ª em Ponta Delgada; e a 4.ª no Funchal. Estas Baterias seriam destinadas a receber e instruir recrutas. Estas alterações variáveis nas ilhas deram-se devido às revoltas que eclodiram na Madeira e nos Açores a partir de Abril de 1931. Logo em 1932¹⁸⁰ são extintas as Baterias de Salva e no lugar delas foram organizadas Baterias de Artilharia de Defesa Móvel de Costa, em que a n.º 1 seria na Horta, a n.º 2 em Angra do Heroísmo, a n.º 3 em Ponta Delgada, e a n.º 4 no Funchal.

A 11 de Abril de 1933 a Constituição Política da República Portuguesa entra em vigor e de acordo com a Lei fundamental terminaria assim a Ditadura Militar e começava uma nova fase: o Estado Novo. Em 1935 é formada a primeira Unidade anti-aérea¹⁸¹, dissolvendo assim o Grupo de Defesa Móvel de Costa em Cascais, e substituído pelo Grupo de Artilharia Contra Aeronaves (GACA), onde será constituído por 1 Secção de Depósito, 3 Baterias, 1 Companhia de projectores (a formar), e Secções de Escuta das Baterias (a formar). No efectivo total o Grupo teria 24 Oficiais, 32 Sargentos e 27 Cabos e Soldados, e seria equipada com a peça anti-aérea 7,5 cm S.A. m/931 Vickers¹⁸².

5.2 A ameaça da 2.ª Guerra Mundial e a inclusão de Portugal na NATO

Devido à Guerra Civil em Espanha, que eclodiu em Julho de 1936, Salazar pretende organizar um Exército capaz de resistir a qualquer ataque vindo do exterior, onde é aplicada a nova reorganização em

¹⁷⁶ Ordem do Exército n.º 2, 1.ª série, de 10 de Fevereiro de 1931.

¹⁷⁷ Em Abril – Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 5 de Junho de 1931 – passa a ser constituído por 2 Baterias, sendo a 1.ª Bateria constituída com 4 obuses de 15 cm P.T.R., e a 2.ª Bateria com 4 peças 7,5 cm T.R.

¹⁷⁸ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 5 de Junho de 1931.

¹⁷⁹ Ordem do Exército n.º 14, 1.ª série, de 20 de Novembro de 1931.

¹⁸⁰ Ordem do Exército n.º 11, 1.ª série, de 14 de Novembro de 1932.

¹⁸¹ Ordem do Exército n.º 6, 1.ª série, de 29 de Junho de 1935.

¹⁸² Peça já adquirida em 1931.

1937¹⁸³, sendo o maior objectivo a redução de efectivos e Unidades, onde “*se conseguirá maior concentração de meios, a que não pode deixar de corresponder maior eficiência militar e menor nível de despesas.*”. Na Artilharia são extintos 1 Grupo de Artilharia de Montanha, 2 Grupos de Artilharia Montada, onde a maior razão foi o facto da inexistência de material capaz de equipar eficientemente estas Unidades; 2 Grupos a Cavalos porque, como na maioria dos Exércitos de outros países, o emprego de cavalos estão a ser substituídos por “*artilharia de tracção automóvel*”; e devido à grande evolução da 3.^a dimensão do Campo de Batalha com o emprego aéreo, passam a existir 3 Unidades anti-aéreas. Veremos então como ficou organizada a Artilharia: 3 Regimentos de Artilharia Ligeira Hipomóvel; 1 Regimento de Artilharia Ligeira Automóvel; 1 Regimento de Artilharia de Montanha; 1 Grupo Independente de Artilharia de Montanha; 2 Regimentos de Artilharia Pesada (automóvel); 1 Regimento de Artilharia de Costa; 1 Grupo de Artilharia de Defesa Móvel de Costa (automóvel); 1 Grupo de Defesa Submarina de Costa; 2 Baterias Independentes de Defesa de Costa; 3 Grupos de Artilharia Contra Aeronaves; Escola Prática de Artilharia.

A Artilharia também terá: 3 Inspecções de Artilharia; 1 Comando de Defesa Costeira para o Governo Militar de Lisboa; 1 Centro de Instrução de Artilharia Contra Aeronaves adstrito à EPA; e 1 Companhia de mobilização de parques. Quanto ao efectivo a Artilharia teria 5695 homens.¹⁸⁴

Esta reorganização foi aplicada com o passar dos anos, sendo a extinção da Escola de Aplicação de Artilharia de Costa e Aeronaves, do Grupo Misto Independente de Artilharia Montada n.º 14, e do Grupo de Artilharia a Cavalos n.º 1 em 1938.¹⁸⁵ Em 1939¹⁸⁶ é ordenado para ser efectuada a organização das Unidades como fora decretado em 1937, exceptuando algumas situações devido ao início da 2.^a Guerra Mundial, onde seria formada uma Bateria Independente de Costa na Horta, o Grupo a Cavalos n.º 2 seria mantido em Santarém, e em Abrantes formava-se de novo um Grupo a Cavalos com o número 1, substituindo o Grupo Misto Independente de Artilharia Montada n.º 24. Depois, como o previsto, o Regimento n.º 5 passa a ser o Regimento pesado n.º 2; o Grupo de Montanha n.º 15 passa a Regimento n.º 5; o Grupo de Montanha n.º 12 passa a Grupo de Montanha; o Regimento de Costa n.º 2 e a Companhia de Especialistas integram-se no Regimento de Costa n.º 1, formando o Regimento de Costa; o Grupo Pesado n.º 1 e o n.º 2 juntam-se, formando o Regimento Pesado n.º 1.¹⁸⁷

A Artilharia fica dividida em Unidades de linha e em Unidades de fronteira, sendo as Unidades de linha os Regimentos de Artilharia Ligeira Hipomóvel, Automóvel e Montanha, e os Regimentos de Artilharia Pesada; quanto às Unidades de fronteira serão o Grupo Independente de Montanha, a Cavalos e Contra Aeronaves, e as Unidades de Costa. Foi com este dispositivo, em termos de Artilharia, que Portugal se encontrava no início da 2.^a Guerra Mundial.

A Guerra Civil de Espanha terminava a 2 de Abril de 1939, e meses mais tarde, a 3 de Setembro, eclodia a 2.^a Guerra Mundial, e desde logo iniciam-se programas de defesa aos Açores, devido à sua importância estratégica, e em Outubro de 1940 começam a por em prática esses planos.

¹⁸³ Ordem do Exército n.º 12, 1.^a série, de 31 de Dezembro de 1937.

¹⁸⁴ Vide quadro 27.1 e 27.2, anexo A.

¹⁸⁵ Ordem do Exército n.º 6, 1.^a série, de 25 de Agosto de 1938.

¹⁸⁶ Ordem do Exército n.º 7, 1.^a série, de 28 de Outubro de 1939.

¹⁸⁷ Vide quadro 28, anexo A.

Assim sendo, em 1942, na ilha de S. Miguel terá em termos artilheiros no dispositivo defensivo 1 Bateria Ligeira de 7,5 cm¹⁸⁸; 1 Grupo de Baterias de Obuses de 10,5 cm¹⁸⁹ com 3 Baterias; 1 Bateria de Montanha de 7 cm¹⁹⁰ com duas Secções; 5 Baterias Anti-aéreas, sendo duas de 9,4 cm¹⁹¹, uma de 7,5 cm¹⁹², e duas de 4 cm¹⁹³; Bateria Independente de Defesa de Costa n.º 1 de 15 cm¹⁹⁴; 1.ª, 2.ª e 3.ª Secção de Referenciação. Foi criado o Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 4 e a Defesa Contra Aeronaves.¹⁹⁵

Na ilha da Terceira os meios de Artilharia eram os seguintes: 1 Bateria Ligeira de 7,5 cm; uma Bateria de Montanha de 7,5 cm¹⁹⁶ com duas Secções; 4 Baterias Anti-aéreas, sendo uma de 9,4 cm, duas de 4 cm, e uma de 7,5 cm; e duas Baterias de Referenciação.¹⁹⁷

Na ilha do Faial tinha 1 Bateria Ligeira de 7,5 cm; 1 Secção de Montanha de 7,5 cm; 2 Baterias Anti-aéreas, sendo uma de 9,4 cm e outra de 4 cm; e 1 Secção de Referenciação. Foi criado o Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 5 e uma Secção de Referenciação.¹⁹⁸

Devido a rumores de que a Alemanha queria invadir a Península Ibérica, principalmente Gibraltar, fazia da ilha da Madeira um ponto essencial para a Grã-Bretanha, o que poderia levar a tentativas de ocupação da ilha, quer pelos britânicos, quer pelos alemães. Então seria necessário também proceder à defesa da ilha da Madeira o que levou à criação de 1 Bateria de Artilharia de Campanha e 1 Bateria de Artilharia Contra Aeronaves na Madeira, mantendo a Bateria Independente de Defesa de Costa n.º 2.¹⁹⁹

Em Março de 1941 a Inglaterra avisa Portugal que a Alemanha lhe poderá fazer um ataque a partir dos Pirenéus e que seria essencial a defesa do Continente. Então inicia-se um estudo de defesa a Lisboa nas linhas de Torres Vedras como os ingleses propuseram e em 1943 cria-se um Corpo de Exército, a 3 Divisões, destinado às linhas de Torres Vedras²⁰⁰, sendo cada Divisão constituída em termos artilheiros por 1 Regimento de Obuses Ligeiros e 1 Grupo de Obuses Pesados.²⁰¹

Devido ao conflito entre os holandeses e japoneses que se instalou em Timor, é enviada uma expedição da metrópole compreendendo 1 Bateria de Artilharia de Montanha e 1 Bateria de Artilharia Anti-aérea de 4 cm, onde partiria para Timor em Setembro de 1945. Entretanto, em Agosto de 1945 são

¹⁸⁸ Peça 7,5 cm T.R. m/917 Schneider-Canet francesa.

¹⁸⁹ Obus FH 18 alemão que chegou a Portugal em duas versões: K (Krupp) ou R (Rheinmetall) 10,5 cm/28 m/941.

¹⁹⁰ Peça 7 cm M.T.R. m/906-911 francesa.

¹⁹¹ Peça AA 9,4 cm m/940 inglesa. Vide figura 35, anexo C

¹⁹² Peça AA 7,5 cm S.A. m/931 Vickers inglesa.

¹⁹³ Peça AA 4 cm m/940 sueca. Vide figura 36, anexo C.

¹⁹⁴ Peça 15 cm C.T.R. m/902.

¹⁹⁵ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 434 e 435. Vide figura 58, anexo F, e a parte I do artigo 1, anexo L.

¹⁹⁶ Obus 7,5 cm/18 m/940.

¹⁹⁷ Não havia Artilharia de Costa, então, ficando assim responsável pela defesa de ataques marítimos em Angra do Heroísmo e na Praia de Vitória a Artilharia Anti-aérea – EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, p. 436. Vide figura 59, anexo F, e a parte II do artigo 1, anexo L.

¹⁹⁸ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, p. 437. Vide figura 60, anexo F, e a parte III do artigo 1, anexo L.

¹⁹⁹ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 446 à 447.

²⁰⁰ A 1.ª Divisão ficava na região Santarém – Rio Maior – Alcoentre – Cartaxo – Vale de Santarém; a 2.ª Divisão ficava na região Montemor-o-Novo – Canha – Pegões Velhos – Cabrelas; a 3.ª Divisão ficava na região Azambuja – Alenquer – Sobral – Bucelas – Alhandra.

²⁰¹ Todos pertencentes à Guarnição de Lisboa – EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume II*, pp. 351 e 352. Para ver o dispositivo de defesa marítima e anti-aérea de Lisboa vide artigo 2, anexo I.

lançadas as bombas atômicas em Hiroxima e Nagasaki, e a consequente rendição do Japão a 14 de Agosto, pondo fim à 2.^a Guerra Mundial. A expedição parte na mesma para Timor, mas agora com o objectivo de reocupação devido às revoltas que tinham surgido anteriormente.²⁰²

Finda a guerra foi desde logo procurado reorganizar o Exército, que se encontrava algo desorganizado (“... pôs em foco deficiências de organização...”) ²⁰³, e tinha sido adquirido novo armamento durante a guerra (“A crescente motorização e mecanização dos exércitos, imposta pela evolução do material de guerra de toda a espécie...”) ²⁰³. Na Artilharia entraram peças e obuses alemães, italianos e britânicos. A seguir está uma lista dos novos materiais artilheiros adquiridos durante a guerra²⁰⁴.

Artilharia de Campanha:

- Obus K 10,5 cm/28 m/941 – alemão;
- Obus R 10,5 cm m/941 – alemão;
- Obus K 15 cm/30 m/941 – alemão;
- Obus 8,8 cm m/43 – inglês;
- Obus 14 cm m/43 – inglês²⁰⁵.

Artilharia de Montanha:

- Obus M 7,5 cm/18 m/940 – italiano.

Artilharia Anti-aérea:

- Peça AA 4 cm m/940 – sueca;
- Peça AA 9,4 cm m/940 – inglesa;
- Peça AA 4 cm m/942 – inglesa;
- Peça AA 9,4 cm m/940 (fixa) – inglesa;
- Metralhadora Pesada AA 2 cm m/943 – alemã.

Artilharia de Costa:

- Peça C 23,4 cm/47 m/44 – inglesa;
- Peça C 15,2 cm/47 m/44 – inglesa;
- Peça C 19 cm – inglesa;
- Peça C 5,6 cm/48 – inglesa.²⁰⁶

Como foi dito, o Exército tem uma pequena reorganização em 1946²⁰⁷, onde na Artilharia foi criado mais 1 Regimento Pesado; foi criado 1 Regimento Misto de Artilharia de Campanha e 1 Grupo Misto de Artilharia de Defesa Fixa denominado de n.º 1 em Ponta Delgada. São extintos o Grupo de Defesa Submarina de Costa e as Companhias Hipomóvel n.º 1 e 2²⁰⁸. Mas isto foi de pouca duração, visto que no ano seguinte o Exército teve outra reorganização²⁰⁹ e que a Artilharia ficava assim composta: 5 Regimentos de Artilharia Ligeira; 3 Regimentos de Artilharia Pesada; Regimento Misto de Artilharia de

²⁰² EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume III*, pp. 539 à 546.

²⁰³ Ordem do Exército n.º 7, 1.^a série, de 30 de Novembro de 1946.

²⁰⁴ EME, *História do Exército Português (1910 – 1945) Volume IV*, p. 156.

²⁰⁵ Vide figuras 37, 38 e 39, anexo C.

²⁰⁶ Vide figuras 40 e 41, anexo C.

²⁰⁷ Ordem do Exército n.º 7, 1.^a série, de 30 de Novembro de 1946.

²⁰⁸ Estas Companhias já não pertenciam à Artilharia mas sim à Administração Militar.

²⁰⁹ Ordem do Exército n.º 8, 1.^a série, de 25 de Novembro de 1947.

Campanha n.º 6²¹⁰; 3 Grupos de Artilharia Contra Aeronaves; Regimento de Artilharia Anti-aérea Fixa²¹¹; Bateria Anti-aérea Independente; Regimento de Artilharia de Costa; Grupo Independente de Artilharia de Costa²¹²; 2 Baterias Independentes de Costa; Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1²¹³; Grupo de Especialistas²¹⁴; e Escola Prática de Artilharia. A Artilharia teria um efectivo total de 628 Oficiais e 637 Sargentos, quanto às Praças seriam as que o orçamento pudesse despende.²¹⁵

A 4 de Abril de 1949, Portugal assina o tratado da NATO²¹⁶ que veio favorecer bastante a nível militar, passando a ter novos conhecimentos e diferentes pontos de vista. No Exército é criado o Campo de Santa Margarida em 1952, que trouxe o aprontamento da Artilharia Divisionária com 3 GAC's²¹⁷ com obuses 10,5 cm, 1 GAC²¹⁸ com obuses 14 cm e 1 GAAA²¹⁹ com peças 4 cm, e outra parte de Artilharia para um Corpo de Exército, em que tinha 1 GAC com peças 11,4 cm e 1 Grupo de Referência.²²⁰ É devido à boa ligação com os EUA que traz a novidade dos auto-propulsados, com a chegada, em 1954, do obus 8,8 cm auto-propulsado m/54 Sexton MK II canadiano²²¹. É devido a esta evolução técnica que em 1955²²² é alterada a organização de algumas Unidades artilheiras:

- **Regimentos de Artilharia Ligeira n.º 1 e n.º 3** (normais) – Grupo Permanente (2 Baterias de bocas-de-fogo²²³); Grupo de recrutas (2 baterias).
- **Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2 e n.º 4** (reforçados) – Grupo Permanente (3 Baterias de bocas-de-fogo); Grupo de recrutas (3 Baterias).
- **Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5** (Montanha e auto) – Grupo Permanente (2 Baterias de bocas-de-fogo); Grupo de recrutas (2 Baterias).
- **Regimento de Artilharia n.º 6** (Auto-propulsado) – Grupo Permanente (3 Baterias de bocas-de-fogo AP); Grupo de recrutas (3 Baterias).
- **Regimentos de Artilharia Pesada n.º 1, 2 e 3** – Grupo Permanente (3 Baterias de bocas-de-fogo); Grupo de recrutas (3 Baterias).
- **Escola Prática de Artilharia** – Comando; Direcção e Instrução; Grupo de Comando e Serviços; Grupo de Bocas-de-fogo (1.ª Bateria 8,8 cm – auto; 2.ª bateria 10,5 cm – auto; 3.ª Bateria 14 cm e 11,4 cm – auto).

²¹⁰ Foi formado a partir do Grupo Pesado n.º 6.

²¹¹ Foi formado a partir do Comando de Artilharia Anti-aérea da Defesa de Lisboa (tinha sido criado em 1943).

²¹² É formado a partir do 3.º Grupo do Regimento de Costa.

²¹³ Era o antigo Grupo Misto de Artilharia de Defesa Fixa.

²¹⁴ Voltou a ficar desintegrado do Regimento de Costa.

²¹⁵ Vide quadro 29.1 e 29.2, anexo A.

²¹⁶ Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em inglês North Atlantic Treaty Organization (NATO) – sendo esta a sigla preferencialmente utilizada pelo autor – organização criada em 1949 com o objectivo de constituir uma frente oposta ao bloco socialista, em que os Estados signatários estabeleciam entre si um compromisso de cooperação estratégica em tempo de paz e contraíam uma obrigação de auxílio mútuo em caso de ataque a qualquer dos países-membros.

²¹⁷ Grupo de Artilharia de Campanha (GAC). Estava destinado para Apoio Directo (A/D) às Unidades de manobra.

²¹⁸ Estava destinado para Acção Conjunta (A/C).

²¹⁹ Grupo de Artilharia Anti-aérea (GAAA).

²²⁰ SANTO, General Gabriel Espírito, *A evolução da Artilharia portuguesa no século XX: organização, materiais, homens, doutrina e campanhas*, in Revista de Artilharia.

²²¹ Vide figura 42, anexo C.

²²² Ordem do Exército n.º 6, 1.ª série, de 30 de Julho de 1955.

²²³ À espera de receber o obus M101 105 mm.

Em 1960²²⁴ houve mudanças nas Unidades das ilhas da Madeira e dos Açores, passando o Grupo de Guarnição de Ponta Delgada para Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 1; a Bateria Independente de Costa n.º 2 no Funchal passa a Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 2 e extingue-se a Bateria Independente de Artilharia Anti-aérea.

5.3 Uma Artilharia de duas faces na Guerra em África

Em Fevereiro de 1961, um movimento guerrilha ataca uma cadeia de Angola, e poucos dias depois, um outro movimento provoca um massacre no Norte de Angola, dando início à longa Guerra em África de 13 anos. Foram imediatamente destacadas forças da metrópole para combater as guerrilhas, e quanto à Artilharia dividiu-se em várias forças, como em Forças Especiais (Pára-quedistas e Comandos), em Batalhões e Companhias de Artilheiros destinados a combaterem como atiradores; em Grupos e Baterias de Artilharia de Campanha para o apoio de fogos – a Bateria normal era excessiva, dividindo, assim, em Secções de uma ou duas peças para o apoio a Companhias de Infantaria ou Grupos de Intervenção; e em Baterias e Pelotões de Artilharia Anti-aérea destinadas a protegerem pontos críticos, principalmente os aeroportos. Foi uma Artilharia de duas faces, que era utilizada tanto para serviços de Artilharia como para serviços de Infantaria.

Antes de ser descrito as Unidades que mobilizaram forças para as colónias, há que referir certas alterações na Artilharia que se fez sentir durante os 13 anos de guerra. Logo em 1961 é desactivado o Regimento Pesado n.º 1, cujas suas instalações foram destinadas à Escola Prática do Serviço de Material²²⁵, e também é desactivado o Regimento de Artilharia n.º 6. Em 1970²²⁶, a Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 2 no Funchal, passa a Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 2.

Agora voltando à Guerra em África, as forças destacadas pela Artilharia foram num total de 417 Companhias de Artilharia, 11 Baterias de Artilharia, 12 Baterias AAA, 50 Pelotões AAA, 2 Secções de Radares, 15 Secções de Projectores, e formando mais outras Unidades. Os Regimentos que tiveram mais mobilizações foram o RAL 1, o RAL 3, o RAL 5, o RAP 2, o RAC, o RAAF e o GACA 2.²²⁷ Em termos de material utilizado pela Artilharia foram os obuses *10,5 cm m/941-62*²²⁸, *8,8 cm m/43* e *14 cm m/43*, e a peça *11,4 cm m/46*, isto para a Campanha, e as peças *4 cm m/942-60*²²⁹ e *2 cm CHK1 m/53* para a Anti-aérea. Em 1960²³⁰ foi adaptado o uniforme de campanha especial, camuflado 2-C, sendo substituído no ano seguinte por um novo modelo o 2-G. Em 1964²³¹ é criado o uniforme n.º 3.²³²

Esta guerra só terminou em 1974, quando houve a Revolução de 25 de Abril, ficando Angola, Moçambique e Guiné em Estados independentes, poucos anos depois.

²²⁴ Ordem do Exército n.º 9, 1.ª série, de 30 de Novembro de 1960.

²²⁵ Ordem do Exército n.º 5, 1.ª série, de 30 de Abril de 1961.

²²⁶ Ordem do Exército n.º 4, 1.ª série, de 30 de Abril de 1970.

²²⁷ EME, *Resenha Histórico Militar das Campanhas de África Volume II, III, IV*. Para ver todas as forças que as Unidades artilheiras destacaram vide do quadro 4 ao quadro 11, anexo D.

²²⁸ Este obus era o último modelo, que fora adquirido por Portugal em 1962.

²²⁹ Era o último modelo da peça, adquirida em 1960.

²³⁰ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 30 de Setembro de 1960.

²³¹ Circular n.º 2/E de 10 de Março de 1964 da Repartição do Gabinete do Ministro do Exército.

²³² Vide figuras da 64 à 67, anexo H, e figura 14, anexo B.

Capítulo VI

A Artilharia no último terço da Guerra Fria à actualidade

6.1 O pós 25 de Abril e os desenvolvimentos técnicos na Artilharia

Após a Revolução de 25 de Abril, Portugal passou por um período de 2 anos denominado como Processo Revolucionário em Curso (PREC)²³³, onde houve a extinção de várias Unidades durante esse tempo. Na Artilharia extinguiram-se 7 Unidades, sendo o Regimento de Artilharia n.º 3 e o Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa ainda em 1974²³⁴. Em 1975 extinguiram-se o Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 2 e n.º 3, o Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5, o Regimento de Artilharia Pesada n.º 3 e a Bateria Independente de Defesa de Costa n.º 1. A designação das Unidades e algumas localizações foram alteradas, ficando a Artilharia na seguinte disposição²³⁵: Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS); Regimento de Artilharia de Évora (RAE); Regimento de Artilharia de Leiria (RAL); Regimento de Artilharia da Serra do Pilar (RASP); Regimento de Artilharia de Costa (RAC); Centro de Instrução de Artilharia Anti-aérea de Cascais (CIAAC); Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 1 (BAG 1); Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 2 (GAG 2); e Escola Prática de Artilharia (EPA).²³⁶

Quanto às Regiões Militares também modificaram, passam a ser 4, sendo a Região Militar do Norte (RMN), do Centro (RMC), do Sul (RMS), e a Região Militar de Lisboa (RML), e os Comandos Territoriais passam a designar-se por Zonas Militares, sendo nos Açores (ZMA) e na Madeira (ZMM).

Após esta revolução, Portugal volta a integrar-se na NATO, o que faz evoluir em termos militares. Assim sendo, em 1976 foi ordenado organizar uma Brigada para a NATO, sendo construída em Maio de 1978 e designada por Brigada Mista Independente (BMI), localizando-se no Campo de Instrução de Santa Margarida, que seria semi-mecanizada, tendo 3 Batalhões de Infantaria (sendo 1 Batalhão Mecanizado); 1 GAC a 4 Baterias; 1 Esquadrão de Carros de Combate e outro Esquadrão de Reconhecimento. O GAC era constituído pelo RAL²³⁷, sendo 3 Baterias equipadas com o obus *M101 A1 105 mm/22* e *M101 A1 L 105 mm/32*²³⁸, e 1 Bateria auto-propulsada e equipada com o obus *M109 A2 155 mm AP*²³⁹. Com esta nova projecção, Portugal tem uma grande evolução a nível técnico, com a entrada de novos equipamentos:

Artilharia de Campanha: Obus *M101 A1 105 mm/22* – americano (1978); Obus *M101 A1 L 105 mm/32* – americano (1978); Obus *Otto Melara 105 mm/14* – italiano (1979); Obus *M109 A2 155 mm AP* – americano (1982); Obus *M114 A1 155 mm/23* – americano (1983)²⁴⁰.

²³³ O termo é normalmente usado para designar o período decorrente entre o pós 25 de Abril e Novembro de 1975, mas durou até à aprovação da Constituição da República Portuguesa em Abril de 1976.

²³⁴ Ordem do Exército n.º 12, 1.ª série, de 31 de Dezembro de 1974.

²³⁵ Ordem do Exército n.º 5, 1.ª série, de 31 de Maio de 1977.

²³⁶ Vide quadro 30, anexo A.

²³⁷ Em 1991 deixa de estar aquartelado no RAL e passa a estar em Santa Margarida.

²³⁸ Obuses americanos, tendo entrado em serviço em 1978. Vide figura 43, anexo C.

²³⁹ Auto-propulsado (AP). Obus americano que entrou em serviço no ano 1982. Vide figura 44, anexo C.

²⁴⁰ Vide figura 45, anexo C.

Artilharia Anti-aérea: Peça AA 4 cm FH m/80 – canadiana (1980); Sistema Canhão Bitubo AA 20 mm m/81 – alemão (1981); Míssil Portátil AA Blowpipe m/82 – inglês (1982).²⁴¹

Durante esse período de tempo, o Regimento de Artilharia de Évora extingue-se em 1980²⁴², e a Bateria de Artilharia de Guarnição n.º 1 passa, em 1981²⁴³, a Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1 (GAG 1), continuando em Ponta Delgada.

Em 1983 as Unidades artilheiras têm a seguinte organização²⁴⁴:

- **EPA:** Direcção de Instrução; Grupo de Comando e Serviço; Grupo Escolar; Grupo de Instrução;
- **RALIS:** Direcção e Instrução; Grupo Operacional; Grupo de Comando e Serviço; Grupo de Instrução; Secção de Operações e Informações; Secção de Pessoal e Logística;
- **RAL:** 1 GAC; Grupo de Comando e Serviços; Secção de Pessoal e Logística; Secção de Mobilização; Secção de Instrução; Conselho Administrativo;
- **RASP:** Grupo de Comando e Serviços; Grupo Operacional; Grupo de Instrução; Secções de Operações e Informações, Logística, Mobilização, Pessoal, e Financeira;
- **RAC:** Grupo Norte; Grupo Sul; Direcção e Instrução;
- **CIAAC:** Serviço de Instrução e Serviço Administrativo.

Devido à evolução que se fez sentir na Artilharia Anti-aérea, *“torna-se necessária a existência de uma unidade territorial de artilharia antiaérea com capacidade para aprontar e manter forças de artilharia antiaérea.”*²⁴⁵ Então em 1988 é mandado criar o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAA 1) em Queluz.

6.2 Novos desafios: a Artilharia nas Brigadas e o fim da Artilharia de Costa

Em 1989 a Alemanha voltava-se a unificar com a queda do Muro de Berlim, e em 1991 extinguia-se a URSS, pondo fim à Guerra Fria. Sendo assim, parecia que Portugal agora não tinha quaisquer inimigos, o que fazia levantar a necessidade de rever o Conceito Estratégico da Defesa Nacional. Uma das alterações efectuadas no Exército foi a criação da Brigada Ligeira de Intervenção (BLI) em 1992, com sede em Coimbra, constituída por 2 Batalhões de Infantaria, 1 Esquadrão de Reconhecimento, 1 GAC (do RASP) equipado com o obus *Otto Melara 105 mm/14*, e 1 Bateria AA (do RAA 1) equipada com o Sistema Canhão Bitubo AA 20 mm m/81; e outra alteração que provocou foi a reorganização no Exército no ano de 1993²⁴⁶.

Com essa reorganização é extinto o emblemático Regimento de Artilharia de Lisboa, e os Grupos de Artilharia de Guarnição n.º 1 e n.º 2. A denominação de algumas Unidades também alterou, voltando a serem denominadas pelo número. Eis como ficava a Artilharia:

²⁴¹ Vide figuras 46 e 47, anexo C.

²⁴² Ordem do Exército n.º 9, 1.ª série, de 30 de Setembro de 1980.

²⁴³ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 31 de Julho de 1981.

²⁴⁴ Almanaque do Exército de 1983.

²⁴⁵ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 31 de Julho de 1988.

²⁴⁶ Ordem do Exército n.º 7, 1.ª série, de 31 de Julho de 1993.

Designação anterior	Designação actual	Localidade
RAL	Regimento de Artilharia n.º 4 (RA 4)	Leiria
RASP	Regimento de Artilharia n.º 5 (RA 5)	Vila Nova de Gaia
RAC	Regimento de Artilharia de Costa (RAC)	Oeiras
RAA 1	Regimento de Artilharia Anti-aérea n.º 1 (RAAA 1)	Queluz
EPA	Escola Prática de Artilharia (EPA)	Vendas Novas

Quadro 1 – Unidades de Artilharia em 1993

Com esta reorganização as Unidades artilheiras ficaram com a seguinte organização:

- **RA 4**²⁴⁷: 1 Bateria *Otto Melara 105 mm*; 1 GAC *Otto Melara 105 mm*²⁴⁸.
- **RASP**²⁴⁹: Bateria de Instrução; 1 GAC/BLI *Otto Melara 105 mm*
- **RAC**²⁵⁰: Bateria de Tiro (2 Baterias *23,4 cm*²⁵¹; 2 Baterias *15,2 cm*²⁵¹; 1 Bateria *15 cm*).
- **RAAA 1**²⁵²: Bateria de Apoio à Instrução; 1 GAAA/CE²⁵³ (2 Baterias AA *20 mm* com 3 Pelotões; 2 Baterias AA *Míssil Portátil* com 3 Pelotões²⁵⁴); 1 GAAA (1 BAAA com 1 Pelotão *Míssil Portátil*²⁵⁵; BAAA/BLI com 3 Pelotões *20 mm*); Destacamento CIAA²⁵⁶.
- **EPA**²⁵⁷: Grupo de Instrução (Bateria de Instrução de Quadros com 4 Pelotões; Bateria de Instrução a Praças com 4 Pelotões); GAC *M114 155 mm* (3 Baterias).

Além destas Unidades, a Artilharia tinha: na Brigada Mecanizada Independente (BMI)²⁵⁸, 1 GAC equipado com Obuses *M109 A2 155 mm AP*²⁵⁹, e uma Bateria AAA²⁶⁰ constituída com 1 Pelotão equipado com o Sistema *Míssil Ligeiro AP Chaparral M48 A2 E1*²⁶¹ e outro Pelotão, onde seria equipado em 1994 com o Sistema *Míssil Portátil Stinger*²⁶²; também tinha 2 Grupos Mistos de Artilharia, um no Regimento de Guarnição n.º 2 (RG 2)²⁶³, em Ponta Delgada, com uma Bateria AAA *4 cm* de 3 Pelotões e uma Bateria de Artilharia de Costa *15 cm* com 3 Secções de peças; o outro Grupo estava no Regimento de Guarnição n.º 3 (RG 3)²⁶⁴, no Funchal, com uma Bateria AAA *4 cm* com 3 Pelotões, e uma Bateria de Costa *15 cm* com 3 Secções de Peças.

²⁴⁷ Quadro Orgânico 6.7.522.

²⁴⁸ Este GAC foi ordenado formar para equipar a Brigada Aerotransportada Independente que se iria criar em 1994.

²⁴⁹ Quadros Orgânicos 5.8.321 e 6.7.520.

²⁵⁰ Quadros Orgânicos 6.8.623, 2.4.007/EO, 2.4.008/EO e 2.4.009/EO.

²⁵¹ Uma Bateria estava desactivada, tendo somente uma subunidade de escalão Pelotão para a manutenção e conservação da Bateria.

²⁵² Quadros Orgânicos 6.6.421 e 15.8.204

²⁵³ Este Grupo AAA era de apoio geral ao Corpo do Exército.

²⁵⁴ As 2 Baterias *20 mm* não se chegaram a formar e as Baterias de *Míssil Ligeiro* seriam equipadas com o *Míssil Ligeiro Stinger* que seria adquirido em 1994.

²⁵⁵ Esta BAAA foi formada para equipar a Brigada Aerotransportada Independente que se iria formar em 1994.

²⁵⁶ Antigo CIAAC que passa a denominar-se Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea (CIAA). Fica na dependência do RAAA1 mas continua em Cascais.

²⁵⁷ Quadro Orgânico 5.8.120.

²⁵⁸ Mudou para esta designação em 1993.

²⁵⁹ Em 2001 o GAC é equipado com a versão *M109 A5 155 mm AP*. Vide figura 48, anexo C.

²⁶⁰ Esta Bateria AAA tinha sido destacada pelo RAA 1 em 1991.

²⁶¹ Fabrico americano que entrou em serviço em 1990. Vide figura 49, anexo C.

²⁶² Fabrico americano que entrou em serviço em 1994. Também equipou a BAAA da BLI. Vide figura 50, anexo C.

²⁶³ É resultante da junção do Regimento de Infantaria de Ponta Delgada com o Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1. Tinha destacado 1 Pelotão AAA no Agrupamento de Santa Maria, e outro Pelotão AAA no Regimento de Guarnição n.º 1 em Angra do Heroísmo. (Quadros Orgânicos 5.8.302, 6.8.620 e 6.8.621).

²⁶⁴ É resultante da junção do Regimento de Infantaria do Funchal com o Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 2. Tinha destacado 1 Pelotão AAA no Agrupamento de Porto Santo. (Quadro Orgânico 5.8.303).

Em 1994 é criada a Brigada Aerotransportada Independente (BAI)²⁶⁵, com sede em Tancos, para atribuição à Força de Reacção Rápida da NATO, onde incorporava uma Bateria AAA²⁶⁶ com 3 Pelotões equipados com Sistema Míssil Portátil *Stinger*, e onde viria a ser incorporado em 1996 o GAC do RA 4. Em 1998 o GAC da BAI passa a ser equipado com obuses ingleses *M119 105 mm Light Gun*²⁶⁷, que assim sendo substitui o obus *Otto Melara*.

Como se tem vindo a reparar, ao longo destes últimos anos, a Artilharia de Costa não se tem destacado, deixando de haver esforços na aquisição de novos equipamentos para substituírem os antigos que datam da longínqua 2.^a Guerra Mundial, e, na criação das 3 Brigadas, denota-se total afastamento da Artilharia de Costa. Por isso, em 1999, finda a Artilharia de Costa com a extinção do Regimento de Artilharia de Costa a 30 de Junho²⁶⁸ e com as Baterias de Costa no RG 2 e RG 3.

Em 2000 há alterações nas Unidades Antiaéreas, ficando o GAAA/CE com 1 Bateria Míssil Ligeiro AP a 3 Pelotões, e 1 Bateria Míssil Portátil também a 3 Pelotões; a BAAA/BLI passa a ter 1 Pelotão Míssil Ligeiro AP a 4 Secções, e 1 Pelotão Míssil Portátil a 2 Secções; a BAAA/BMI terá 3 Pelotões Míssil Ligeiro AP (4 Secções), e 1 Pelotão Míssil Portátil (2 Secções).²⁶⁹

Em 2003 na EPA é criado o Pelotão de Aquisição de Objectivos (PAO) com uma Secção Topográfica, uma Secção Radar de Localização de Armas, uma Secção Radar de Localização de Alvos Móveis e uma Secção de Meteorologia.²⁷⁰

No ano de 2004 o uniforme n.º 3 deixou de ser utilizado no Exército e foi substituído pelo uniforme B camuflado.²⁷¹

Até aos dias de hoje é praticamente esta a organização da Artilharia, exceptuando a extinção do CIAA em 2004, a extinção do GAC/BLI, que pertencia ao RA 5, em 2005, o que fez do RA 5 um Centro de Formação Geral, e o GAC do RA 4 passa assim para a BLI²⁷². A BAI passou a denominar-se Brigada de Reacção Rápida (BRR) e a BLI passou a denominar-se Brigada de Intervenção (BringInt), também em 2005²⁷³. Em 2006²⁷⁴ houve alterações importantes como a extinção dos Comandos Territoriais, passando as Grandes Unidades (são as 3 Brigadas) a assumirem funções semelhantes às dos Comandos Territoriais, enquanto que as Zonas Militares das Ilhas mantiveram-se; as Unidades territoriais passam a ser consideradas Unidades da Estrutura Base do Exército, sendo a maioria dependentes das Grandes Unidades. Estas Unidades constituíam a Força Operacional Permanente do Exército (FOPE). A BMI também mudou a denominação, passando a Brigada Mecanizada (BrigMec).²⁷⁵

²⁶⁵ Decreto-Lei n.º 27/94, Diário da República n.º 30, 1.^a série – A, de 5 de Fevereiro de 1994.

²⁶⁶ Inicialmente encontrava-se no Comando de Tropas Aerotransportadas (CTAT), passando em 1998 para o RAAA 1.

²⁶⁷ Obus inglês adquirido pelo Exército Português em 1998. Vide figura 51, anexo C.

²⁶⁸ Ordem do Exército n.º 8, 1.^a série, de 31 de Agosto de 1999.

²⁶⁹ Quadros Orgânicos 06.04.121, 06.06.421 e 06.04.021.

²⁷⁰ Quadro Orgânico 6.9.720.

²⁷¹ Vide figura 15, anexo B.

²⁷² Despacho n.º 25/CEME/05.

²⁷³ Directiva 5/CEME de 23 de Maio de 2005.

²⁷⁴ Decreto-Lei n.º 61/2006 de 21 de Março de 2006, e Decreto Regulamentar n.º 68/2007 de 28 de Junho de 2007.

²⁷⁵ Vide quadro 31.1 e 31.2, anexo A.

Considerações finais

A importante missão da Artilharia remonta aos finais do século XIV e inícios do século XV, com o objectivo de apoiar as forças de manobra, nas conquistas ou defesa das terras e praças fronteiriças essenciais para a defesa do país. Durante três séculos, a maior parte das reorganizações da Artilharia reflectiu as mudanças nas forças de manobra e os planos criados para a defesa, inicialmente baseados na fronteira com Espanha, mais tarde na capital e no século XX englobando também as Ilhas adjacentes.

A primeira reorganização do Exército Português que procura integrar a Artilharia com as armas de manobra, aconteceu em 1708, com a criação dos dois primeiros Regimentos de Artilharia, influenciado pela organização francesa. Essa necessidade resultou da guerra contra Espanha, e denota a preocupação da defesa junto à fronteira, sendo o primeiro Regimento de Artilharia no Alentejo, e quanto ao segundo Regimento foi criado com o intuito de armar com artilheiros as naus que saíam de Lisboa. Os Regimentos de Artilharia tinham integrado a Engenharia daquela época, tendo organicamente as chamadas Companhias Graduadas de Barracas, Mineiros e Bombeiros. Estas Companhias ficavam dependentes da Artilharia devido à necessidade de construir fortes para as bocas-de-fogo e de desimpedir os obstáculos para passarem os artilheiros com as ditas bocas-de-fogo. Foi com esta orgânica que os Regimentos de Artilharia mantiveram durante o século XVIII, exceptuando as Companhias das Barracas que passavam a denominar-se por Companhia de Pontoneiros/Artificies.

Com grande influência da escola prussiana, em 1763 passam a existir 4 Regimentos. Mais uma vez, esta reorganização dá-se devido ao facto de Portugal se vir em guerra com Espanha, e verificar que aquela não era a melhor reorganização perante uma guerra. Primeiro de tudo, foi uma reorganização preocupada com as linhas fronteiriças com Espanha, estando os 4 Regimentos distribuídos de Norte a Sul, para se destacarem por fortes ao longo da fronteira, e para o caso de guerra, as forças de manobra terem mais facilmente o apoio de fogos, porque deve ter dificultado muito as operações face aos espanhóis, o facto de estes terem entrado pela actual Beira Alta em Portugal e o Regimento de Artilharia mais perto era em Estremoz.

Devido às Invasões Francesas, o Exército tem várias reorganizações influenciadas pela escola britânica, começando logo em 1806, em que os Regimentos de Artilharia seriam organizados em Brigadas Volantes para acompanhar a Infantaria e Cavalaria (se verificarmos é o que se passa na actualidade, onde os Regimentos de Artilharia são organizados ou em GAC's ou em BAAA's, que se podem equiparar às Brigadas Volantes, para apoiarem as Brigadas), em 1812 extinguiram-se as Companhias Graduadas que iriam formar os primórdios da Engenharia (este facto deu-se devido à necessidade das restantes armas em ter um corpo de engenheiros).

Durante as Guerras Liberais, no seu início as reorganizações que existiram foi mais devido a interesses próprios (como a extinção do Regimento n.º 4 no Porto e as criações dos Batalhões de Artilharia por D. Pedro IV), que o interesse de defender o país. Só depois de D. Pedro IV ter subido ao trono, o Exército tem uma reorganização, inspirada na francesa – devido ao bom relacionamento que D. Pedro IV mantinha com a França – que mudou significativamente a Artilharia, que passa a ter organicamente: Baterias a Cavalão – eram exclusivamente para acompanhar e apoiar a Cavalaria, visto as res-

tantes Baterias serem puxadas por muares; Baterias Montadas – é a Artilharia de Campanha, que servia para acompanhar e apoiar a Infantaria; e Baterias de Posição – eram destinadas a defender as fronteiras do país, sendo colocadas em fortes. Em 1849 os Regimentos passam a ter efectivos em tempo de paz e de guerra, e na Artilharia passam a existir Baterias de Montanha – serviam para os locais de difícil acesso utilizando bocas-de-fogo leves; e as Baterias de Posição passam a designar de Baterias Apeadas.

Após terem terminado as guerras em Portugal, a Artilharia é reorganizada várias vezes em 7 anos, devido à fraca economia que o país se encontrava. A Artilharia durante esse período passa a ter 1 Regimento destinado somente à Campanha e 2 Regimentos destinados à Artilharia de Posição, que mais tarde se designou por Artilharia de Guarnição. É nesta época que se começa a dar mais importância às ilhas em termos de Artilharia – talvez devido à importância que os portos podiam ter numa guerra futura. Nestas reorganizações denota-se já uma ligeira preocupação em defender a capital, que teve sempre pelo menos 2 Regimentos de Artilharia em Lisboa, e o principal objectivo seria de ter uma Artilharia capaz de defender qualquer ataque improvisado, reflectindo isso no facto de haver mais Regimentos de Guarnição que de Campanha. Caso o país se encontre em guerra, algumas Companhias de Guarnição são transformadas em Baterias de Montanha e Montada, passando para uma posição mais ofensiva. Denota-se assim um dispositivo defensivo e que é confirmado com a reorganização de 1877, passando a haver mais Regimentos de Campanha que de Guarnição, devido à evolução da Artilharia e dos seus alcances, o que seria inútil ter um dispositivo tão defensivo.

Em 1884 passa a existir 3 Regimentos de Campanha, 1 Bateria de Montanha (que passa a Regimento quando em guerra), e 2 Regimentos de Guarnição. Nas suas localizações denota-se um forte plano para salvaguardar Lisboa, tendo sido os 3 Regimentos de Campanha localizados próximos de Lisboa e do rio Tejo – era um eixo de aproximação para os espanhóis – e um Regimento de Guarnição em Lisboa para ocupar o Campo Entrincheirado de Lisboa. Quanto ao outro Regimento de Guarnição ficava em Elvas devido à evidente probabilidade de poder vir do Alentejo um ataque espanhol. Somente a Brigada de Montanha se situava no Norte, talvez devido ao seu relevo montanhoso, e para alguma defesa da segunda cidade mais importante do país: o Porto.

Na passagem do século XIX para o século XX passam a existir somente Regimentos de Campanha pertencentes às diferentes divisões territoriais, e forças independentes como os Grupos de Guarnição, de Montanha e a Cavalos. Foi uma fase em que o dispositivo da Artilharia abrangia quase por completo o território Nacional, denotando-se a preocupação de ter Regimentos de Artilharia prontos a apoiarem as Unidades de Manobra que vão sendo criadas ao longo do país, sem descorar a defesa da capital, onde quatro dos seis Grupos de Guarnição são destinados ao Campo Entrincheirado de Lisboa.

Com a queda da Monarquia, a Artilharia sofre uma alteração profunda, influenciada pela organização suíça, ficando dividida em duas especialidades: Artilharia de Campanha e Artilharia a Pé. A Artilharia de Campanha tinha 8 Regimentos Montados e 2 Grupos, um de Montanha e outro a Cavalos, localizados quase por todo o país. Na Artilharia a Pé estava englobada a Artilharia de Guarnição que se destinava somente ao Campo Entrincheirado de Lisboa, e a Artilharia de Costa destinada aos portos do

Tejo e do Sado. Com esta reorganização aumentou substancialmente os efectivos da Artilharia, sendo uma reorganização que teve como preocupação principal em reforçar a defesa do país e da capital.

Durante a Ditadura Militar, a Artilharia evoluiu em termos organizacionais devido aos avanços tecnológicos, passando a ter Artilharia Ligeira e Pesada, e são criadas Baterias Anti-aéreas nos Regimentos de Artilharia, uma implementação baseada na Artilharia francesa. Deixa de haver Artilharia de Guarnição, e passa somente a existir Artilharia de Costa para a defesa dos portos do Tejo e Sado. Devido à grande evolução do espaço aéreo, em 1935 é criado um Regimento da mais recente vertente da Artilharia: a Artilharia Antiaérea.

Com a Guerra Civil de Espanha e a aproximação de uma guerra vinda da Alemanha, Salazar reorganiza o Exército com o objectivo de enfrentar qualquer ameaça vinda do exterior, passando a Artilharia a possuir 2 Unidades em automóvel e 3 Regimentos Contra Aeronaves. No total a Artilharia tinha 19 Unidades nas vertentes Ligeira, Pesada, Montanha, a Cavalos, de Costa e Antiaérea. Denota-se uma crescente evolução em efectivos da Artilharia, muito devido ao forte impacto que teve na 1.^a Guerra Mundial, fazendo com que haja uma forte necessidade da Artilharia.

Depois de terminada a guerra, Portugal entra na NATO, o que exige a criação de uma Divisão para a defesa da Europa no Norte de França, em que é necessário o apoio da Artilharia, que assim fornece no total 4 GAC's e uma GAAA, e mais tarde é criada a primeira Unidade de Artilharia de Auto-propulsado, mantendo o enorme número de Unidades artilheiras. Ainda havia na mentalidade portuguesa que um Exército de grandes massas era a melhor solução para defender o país, o que não era devido à evolução que o mundo vivia a nível nuclear.

Com a guerra em África, a Artilharia ressentiu, primeiro, porque os artilheiros foram mais utilizados para serem simples atiradores; segundo, porque a guerra atrasara a evolução em termos de material que se vinha adquirindo; e terceiro: deu para verificar que um Exército de grandes massas não seria o essencial naquela época, mas sim um Exército com bons equipamentos. É devido a esses factores que a Artilharia fica somente com 9 Unidades pós o 25 de Abril, deixando de haver uma Unidade somente para a Antiaérea, passava a haver só uma Unidade de Costa para defender o porto do Tejo, e 4 Regimentos de Artilharia de Campanha.

A partir dessa época Portugal volta a estar ligado à NATO e conseqüentemente à escola americana, o que faz criar uma Brigada, e após o fim da Guerra Fria, criam-se mais 2 Brigadas, passando praticamente a missão dos Regimentos de Artilharia em preparar e instruir os GAC's e BAAA's destacados para as Brigadas, para estarem em plenas condições permanentes de participarem eficazmente em qualquer envolvimento militar. Com isto é extinto a vertente de Costa, porque a maior e mais provável ameaça é ser aérea, e existe uma muito reduzida probabilidade de ser marítima. Mesmo que a ameaça fosse marítima, tanto a Artilharia Anti-aérea como a Artilharia de Campanha teriam a capacidade de responder eficazmente e possuíam de uma maior flexibilidade e mobilidade.

Nos dias de hoje a Artilharia tem novos objectivos, que são melhorar o Comando e Controlo e a aplicação do *Targeting* para o combate em áreas urbanas, e uma forte remodelação da Artilharia Antiaérea para estar preparada face às novas ameaças aéreas.

Referências Bibliográficas

Livros

- AMARAL, Manuel (2004), *Olivença – 1801 – Portugal em Guerra do Guadiana ao Paraguai*, Tribuna, Lisboa.
- AYRES, Christovam (1916), *História do Exército Português – Provas, Volume 11*, Imprensa da Universidade, Coimbra
- BARATA, Manuel Themudo, & TEIXEIRA, Nuno Severiano (2004), *Nova História Militar de Portugal, Volume 3*, Círculo de Leitores, Casais de Mem Martins, Rio de Mouro.
- BARATA, Manuel Themudo, & TEIXEIRA, Nuno Severiano (2004), *Nova História Militar de Portugal, Volume 4*, Círculo de Leitores, Casais de Mem Martins, Rio de Mouro.
- BOTELHO, General José Teixeira (1936), *História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique de 1833 aos nossos dias, Volume II*, Centro Tipográfico Colonial, Lisboa.
- BOTELHO, General José Teixeira (1944), *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa, Volume I*. Publicações da Comissão de História Militar (V), Lisboa.
- BOTELHO, General José Teixeira (1948), *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa, Volume II*. Publicações da Comissão de História Militar (V), Lisboa.
- CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR (1991), *Geneologia dos Corpos do Exército, 1.ª Parte – Armas*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, Lisboa.
- EME (1982), *Síntese Histórica da Artilharia Portuguesa*, Imprensa Portuguesa, Porto.
- EME (1989), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961 – 1974) Volume II*, Pentaedro, Lisboa.
- EME (1989), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961 – 1974) Volume III*, Pentaedro, Lisboa.
- EME (1989), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961 – 1974) Volume IV*, Pentaedro, Lisboa.
- EME (1993), *História do Exército Português (1910 - 1945), Volume I*, CEGRAF, Lisboa.
- EME (1993), *História do Exército Português (1910 - 1945), Volume II*, CEGRAF, Lisboa.
- EME (1993), *História do Exército Português (1910 - 1945), Volume III*, CEGRAF, Lisboa.
- EME (1993), *História do Exército Português (1910 - 1945), Volume IV*, CEGRAF, Lisboa.
- GOMES, Carlos de Matos (2002), *Moçambique – 1970 – Operação Nó Górdio*, Tribuna, Lisboa.
- HENRIQUES, Mendo Castro, & LEITÃO, António Rosas (2001), *La Lys – 1918 – Os Soldados Desconhecidos*, Prefácio, Lisboa.
- MARTELO, David (2001), *Cerco do Porto*, Prefácio, Lisboa.
- MARTINS, General Ferreira (1945), *História do Exército Português*, Editorial Inquérito Limitada, Lisboa.

MATOS, José Alberto da Costa (2003), *Os Uniformes da Artilharia Portuguesa*, Tipografia-Escola da Associação de Deficientes das Forças Armadas, Lisboa.

NUNES, António Pires (2002), *Angola – 1966-74 – Vitória Militar no Leste*, Tribuna, Lisboa.

REGALADO, Jaime Ferreira (2004), *Cuamatos – 1907 – Os Bravos de Mufilo no Sul de Angola*, Tribuna, Lisboa.

TELO, António José (2004), *Moçambique - 1895 - A Campanha de todos os heróis*, Prefácio, Lisboa.

VAZ, Nuno Mira (2003), *Guiné – 1968 e 1973 – Soldados uma vez, sempre Soldados*, Tribuna, Lisboa.

Artigos de Revistas

WIEDERHOLD, Barão de (1862), *O Exército Auxiliar Português vulgarmente denominado do Roussillon, que em 1793 passou a Espanha*, in Revista Militar de 1862, n.º 14.

CUNHA, PRIMO, RODRIGUES, Cadetes do 4.º ano de Artilharia (1994), *Defesa Antiaérea de Lisboa em 1 de Outubro de 1943*, in Revista de Artilharia n.º 821 e 822, de Janeiro e Fevereiro de 1994, Lisboa.

FURTADO, Coronel Álvaro, (1987), *Apontamentos sobre o seu comando e direcção*, in Revista de Artilharia n.º 747 e 748, de Novembro a Dezembro de 1987, Lisboa.

SANTO, General Gabriel Espírito (2005), *A evolução da Artilharia portuguesa no século XX: organização, materiais, homens, doutrina e campanhas*, in Revista de Artilharia n.º 956 a 958, de Abril a Junho de 2005, Lisboa.

Separatas de Revistas

A Artilharia e a Defesa da Costa da Barra do Tejo a Cascais nos Séculos XIX e XX – O Museu da Artilharia de Costa. (2005), Separata do Boletim de Artilharia Antiaérea n.º 5, II série, Outubro de 2005, Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1, Queluz.

Legislação

COSTA, Doutor Vicente (1806), *Compilação Systematica das Leis Extravagantes de Portugal*, Impressão Régia, Lisboa.

ESTADO PORTUGUÊS (1800), *Colecção das Leis, Alvarás, Decretos, e Resoluções Militares*, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor do Concelho de Guerra, Lisboa.

EXÉRCITO PORTUGUÊS (1806 a 2003), *Ordens do Exército*, Exército, Lisboa.

Ordem do Dia n.º 144 de Novembro de 1831, Angra do Heroísmo.

Decreto-Lei n.º 27/94, Diário da República n.º 30, 1.ª série – A, de 5 de Fevereiro de 1994.

Decreto-Lei n.º 61/2006 de 21 de Março de 2006.

Decreto Regulamentar n.º 68/2007 de 28 de Junho de 2007.

Despacho n.º 25/CEME/05.

Directiva 5/CEME/05 de 23 de Maio de 2005.

Almanaques

Almanaque do Exército de 1983.

Quadros Orgânicos

Quadro Orgânico 6.7.522

Quadro Orgânico 5.8.321

Quadro Orgânico 6.7.520

Quadro Orgânico 6.8.623

Quadro Orgânico 2.4.007/EO

Quadro Orgânico 2.4.008/EO

Quadro Orgânico 2.4.009/EO

Quadro Orgânico 6.6.421

Quadro Orgânico 15.8.204

Quadro Orgânico 5.8.120

Quadro Orgânico 5.8.302

Quadro Orgânico 6.8.620

Quadro Orgânico 6.8.621

Quadro Orgânico 5.8.303

Quadro Orgânico 06.04.121

Quadro Orgânico 06.06.421

Quadro Orgânico 06.04.021

Quadro Orgânico 6.9.720

Documentos do Arquivo Histórico Militar

AHM, 3.^a divisão, 1.^a secção, caixa 17, n.º 39, referência de como o Regimento do Porto estava em Viana do Castelo em 1797.

AHM-FE-110-E4.1-MD-23.1, peças *Krupp AE 9 cm (MK) m/878* e *BEM 7 cm m/882* em Vendas Novas (1895).

AHM, 1.^a divisão, 16.^a secção, caixa 51, n.º 119, Mapa de Artilharia de Guarnição existente nas 2 linhas de defesa de Lisboa em 1816.

AHM-FE-10-A11-PQ-4.3, Oficial de Artilharia com a peça *Schneider-Canet 7,5 cm T.R. m/917*.

Sites da Internet

<http://www.prof2000.pt>, em 04 de Janeiro de 2008; Posição de um obus *10,5 cm m/941-62* em África.

<http://lagosmilitar.blogspot.com/>, em 10 de Junho de 2008; Peça utilizada na Defesa da Praça de Almeida.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hotchkiss_1874_%28canh%C3%A3o%29, em 10 de Junho de 2008; Canhão revólver *Hotchkiss*.

<http://museu-angra.azores.gov.pt/exposicoes/bataria-schneider.html>, em 07 de Julho de 2008; Peça *Schneider Canet 7,5 cm T.R. m/904*.

<http://www.perso.wanado.es/padron/ardiartilleria/arti100.html>, em 07 de Julho de 2008; Peça *7 cm M.T.R. m/906*.

<http://www.ra39-45.pwp.blueyonder.co.uk/guns/page10.html>, em 07 de Julho de 2008; Peça *AA 9,4 cm m/940*.

<http://www.worldwar2.ro/arme/?language=ro&article=336>, em 07 de Julho de 2008; Peça *AA 4 cm m/940*.

[http://www.jagdtiger.de/index2.htm?http://www.jagdtiger.de/GermanVeh/sFH18\(150\)-01.htm](http://www.jagdtiger.de/index2.htm?http://www.jagdtiger.de/GermanVeh/sFH18(150)-01.htm), em 07 de Julho de 2008; Maqueta do obus *K 15 cm/30 m/941*.

<http://www.saintjohn.nbcc.nb.ca/JervisBay/55howitzer1.htm>, em 07 de Julho de 2008; Obus *14 cm m/43*.

<http://pedg.chollie.co.uk/images/Sexton004.jpg>, em 08 de Julho de 2008; Obus *8,8 cm auto-propulsado m/54 Sexton MK II*.

<http://www.zonamilitar.com.ar/foros/showthread.php?t=2362>, em 08 de Julho de 2008; Míssil Portátil *AA Blowpipe m/82*.

<http://greenberet.no.sapo.pt/HISTORIAL%20EQUIPAMENTO/stinger2.jpg>, em 08 de Julho de 2008; Sistema Míssil Portátil *Stinger*.

http://www.landships.freesevers.com/ipegs/4dot5inch_howitzer_bw2.jpg, em 08 de Julho de 2008; Obus *11,4 cm T.R. m/917*.

http://www.geocities.com/cart2718/sag_canhao.jpg, em 09 de Julho de 2008; Alferes de Artilharia com o uniforme camuflado 2-G e obus *8,8 cm m/43*.

http://www.geocities.com/cart2718/ob_88.jpg, em 09 de Julho de 2008; Posição de um obus *8,8 cm m/43* em África.